

ISCTE IUL
Instituto Universitário de Lisboa

Escola de Sociologia e Políticas públicas

Departamento de Sociologia

Mecanismos sociais e de poder subjacentes às práticas culturais: - estudo específico sobre
os jovens do concelho de Mértola

Sandra Killing Aragão Aires

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em
Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação

Orientadora:

Professora Doutora Rosário Mauritti, Professora Auxiliar
ISCTE- Instituto Universitário de Lisboa

Coorientador:

Professor Jorge Barreto Xavier, Professor Auxiliar Convidado
ISCTE- Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2019

ISCTE IUL
Instituto Universitário de Lisboa

Escola de Sociologia e Políticas públicas

Departamento de Sociologia

Mecanismos sociais e de poder subjacentes às práticas culturais: - estudo específico sobre
os jovens do concelho de Mértola

Sandra Killing Aragão Aires

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em
Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação

Orientadora:

Professora Doutora Rosário Mauritti, Professora Auxiliar
ISCTE- Instituto Universitário de Lisboa

Coorientador:

Professor Doutor Jorge Barreto Xavier, Professor Auxiliar Convidado
ISCTE- Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2019

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, que me transmitem as melhores coisas de sempre.

Ao Francisco por todas as fugas irresistíveis e aconchegos.

À Barolha e à Xana, à Cátia e à Anousca pela euforia, amizade e entusiasmo que partilham comigo. Sempre

À Lili e a à Joana por todo o companheirismo que senti e momentos hilariantes que passamos juntas durante todo o processo.

Aos amigos e aos melhores amigos com quem tive a oportunidade de partilhar isto e muito mais.

À Elsa Alho pela enorme ajuda.

À extraordinária e incansável Rosário Mauritti que me orientou durante todo o processo.

Ao meu coorientador e excelente professor, José Barreto Xavier

À Rosinda Pimenta e ao Manuel Marques pela colaboração e feliz disponibilidade.

E a todos os jovens que integram a pesquisa.

"When we realize that there is never a single story about any place, we regain a kind of paradise" Chimamanda Ngozi Adichie

RESUMO

Este projeto segue a premissa de que o jovem integra uma fase da vida (a juventude) que é dedicada à descoberta e à aprendizagem concreta e abstrata – sensorial e educacional. Respeita e compreende também que cada jovem é um ser individual que se desenvolve no coletivo e que o espaço social que o envolve terá influências no seu desenvolvimento futuro. Na tentativa de compreender quem é este jovem que vive numa zona extremamente ruralizada e periférica como o concelho de Mértola (perfil sociodemográfico), os principais objetivos que o projeto cumpre são a procura de respostas relacionadas com o espaço social de cada um destes jovens – tendo principal enfoque para os jovens de Mértola e da Mina de S. Domingos -, a relação que estes jovens mantêm com a cultura e, mais especificamente, com a cultura e programação cultural do concelho e, por fim, de que forma é que os jovens se relacionam entre si (perfil sociocultural).

São levantadas questões relacionadas com a acessibilidade que estes jovens têm às atividades culturais que decorrem no concelho e qual o papel da cultura na sensibilização, na compreensão e no respeito entre estes jovens. Da mesma forma são discutidos fatores de distinção destes mesmos jovens, como a classe social (perfil socioprofissional).

Palavras-chave: Jovem; Cultura; Zonas rurais; Acessibilidade cultural; Processo de socialização

ABSTRACT

This project follows the premise that the young integrate a life phase (the youth) which is dedicated to discovery and concrete and abstract learning – sensorial and educational. It respects and understands that each youngster is an individual which goes through a developing process in a collective environment and that the social space that involves him will influence his future actions. Aiming to understand who this youngster is, living in an extreme ruralized and peripheric area like the county of Mértola (sociodemographic profile), the main goals of this research are: discovering what kind of social space this youngsters – specially from Mértola and Mina de S. Domingos – live, the relation they have with culture and, more specifically with the cultural program of their county. In the end, the main aspect this research wants to answer is how these youngsters relate within themselves and if the cultural activities have any influence on that (sociocultural profile).

Issues related to the accessibility that these youngsters have to these activities are also discussed and, furthermore what role does culture play in sensitizing people and improving the respect and understanding between these youngsters. In the same way, I discuss distinctions between them, including their social status (socioprofessional profile)

Key words: Young people; culture; rural areas; cultural accessibility; socialization process

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 – REVISÃO TEÓRICO-CONCEPTUAL.....	3
Os jovens e as condições de juventude em zonas rurais.....	3
Estratégias culturais ligadas às práticas culturais e à construção do perfil sociocultural do jovem	4
Classe social como fator de distinção social do jovem.....	8
Conceito de Habitus em relação com os conceitos anteriores	9
CAPÍTULO 2 - METODOLOGIA	13
Motivação para o caso de estudo	13
Estratégia de pesquisa	14
Caracterização do concelho de Mértola	16
Características gerais da amostra	17
CAPÍTULO 3 – DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	21
Práticas culturais dos jovens	24
Perceção de cultura destes jovens.....	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
BIBLIOGRAFIA	37
ANEXOS.....	39
Guião de entrevista dirigido ao Diretor do Departamento da Juventude do Município e Mértola.....	39
Guião de entrevista dirigido à Vereadora da Cultura do município de Mértola	41
Guião de entrevista dirigido para os jovens do concelho de Mértola, mais especificamente da Mina de S. Domingos e de Mértola.....	44
Grelhas de análise das entrevistas realizadas aos jovens	53
Grelhas de análise das entrevistas realizadas à Vereadora da Cultura e ao Diretor do Departamento da Juventude do município de Mértola	59
CONSENTIMENTO INFORMADO	67
.....	71
.....	74

INTRODUÇÃO

O presente trabalho desenvolve um estudo de caso no concelho de Mértola, e tem como objetivo compreender as sociabilidades juvenis nas freguesias de Mértola e da Mina de S. Domingos. a partir de uma análise dos quadros de interação social (familiares e culturais) em que os jovens se posicionam.

É fundamental compreender que os jovens do concelho de Mértola são jovens de uma zona rural de Portugal, na periferia do país, longe das grandes metrópoles. Neste contexto, de acordo com as realidades em que vivem e nas quais se inserem, seguem determinados códigos de conduta que lhes permitem relacionar-se nesse espaço em comunidade com outras pessoas, não só como indivíduos, mas também como um coletivo. Para tal, existem vários fatores a contribuir e um deles, ao qual o presente estudo dedica a maior atenção é a cultura, mais propriamente, a oferta cultural dirigida aos jovens. A análise focaliza os mecanismos sociais e de poder subjacentes às atividades culturais às quais têm acesso, procurando compreender de que forma as mesmas contribuem para a sua construção pessoal e, consequentemente, para a forma como esses jovens se relacionam e distinguem.

Este processo de socialização tem várias condicionantes entre os quais se destacam as condições sociais familiares, e as sociabilidades amicais, frequentemente construídas a partir da escola. Assumindo que as duas freguesias em referência acolhem entre si alguma segmentação social, do ponto de vista das classes sociais, pretende-se analisar em que medida essa diversidade social, traduzida em práticas sociais e orientações culturais destes jovens também heterogéneas, é acolhida na conceção da oferta cultural que lhes é dirigida.

No plano metodológico, numa primeira fase de observação do terreno, o estudo recorre à análise de documentos produzidos pelo município no âmbito da conceção e divulgação de atividades culturais dirigidas a jovens, bem como a entrevistas semiestruturadas a responsáveis pela dinamização destas atividades, procurando recolher testemunhos e informação em primeira mão de entidades envolvidas, e compreender qual o olhar sobre a cultura e sobre os jovens do concelho. Numa segunda fase, desenvolve-se uma caracterização do Concelho de Mértola a partir de dados institucionais, produzidos pelo INE, procurando destacar características económicas, sociais e culturais que demarcam as condições de vida neste território. Uma terceira fase prevê a realização de algumas entrevistas individuais a jovens tanto de Mértola como da Mina de S. Domingos no intuito de traçar o seu perfil sociodemográfico e sociocultural e, analisar, com base neste método, como os jovens se relacionam entre si.

CAPÍTULO 1 – REVISÃO TEÓRICO-CONCEPTUAL

Os jovens e as condições de juventude em zonas rurais

O ponto de partida da presente pesquisa é o “jovem”. Quem é o jovem e como que é ele percebido numa sociedade periférica, marcada por processos profundos de envelhecimento demográfico?

José Machado Pais (1990), oferece uma leitura ambígua sobre as formas como a juventude tem vindo a ser analisada. Enquanto uma corresponde a uma conceção que vincula a juventude a uma “fase da vida”, na qual os “jovens são tomados como fazendo parte de uma cultura juvenil «unitária»” (p.140) ; a outra corresponde a uma visão classista que enfatiza as diferentes condições de vida e oportunidades que demarcam uma diversidade de formas de ser e de viver essa juventude. Exemplos desta variedade podem ser observadas através das relações que os jovens estabelecem com a escola e com a escolaridade; a idade em que ingressam no trabalho ou saem de casa dos pais, através das suas práticas de sociabilidade; os gostos e orientações que preconizam, o local onde residem, etc.

Rui Drumonde e Francisco Simões (2009) apresentam uma visão sobre os jovens em zonas rurais tendo em conta o projeto que desenvolveram nos Açores no artigo “As singularidades dos jovens NEEF em zonas rurais: o caso açoriano”. Sublinham que os jovens em meio rural apresentam dificuldade em compreender alguns valores mais relacionados com a modernidade, com os quais, frequentemente, têm o primeiro contacto através da escola, numa contextualização de contraste com práticas e valores tradicionais que lhes são transmitidos pela família e outros meios informais de transmissão de informação.

Gilsene Garcia Guimarães e Juliana Gomes de Macedo (2009), oferecem algumas construções teóricas de outros autores acerca da juventude e dos jovens. Assim é exemplo, uma vez mais, António Machado Pais que apresenta uma visão mais classista dos jovens e da forma como se distinguem quando diz: “Os jovens se agrupam conforme as classes sociais produzidas politicamente. As distinções que se podem observar nesta corrente são analisadas como diferenças muito mais interclassistas do que intraclassistas” (p.7)

As próprias autoras defendem que se olharmos para os jovens como aqueles que constituem a fase de transição da vida de adolescente para a vida de adulto, percebemos que os jovens são os que mais sofrem com as mudanças na estrutura social na qual estão inseridos. Esta é a fase da mudança, de novas responsabilidades, novas formas de ver e viver a vida.

E, nesta mesma perspectiva dos jovens na sociedade e, muito relacionado com o princípio de Habitus de Bourdieu que será fortemente abordado mais adiante, José Machado Pais (1994) diz ainda que “os problemas que se atribuem à juventude talvez sejam mais problemas da “sociedade” do que da própria “juventude.” (p.6)

Estratégias culturais ligadas às práticas culturais e à construção do perfil sociocultural do jovem

É importante compreender a multidimensionalidade das vivências e contextos da juventude, e a forma como esta “fase da vida” ou “criação social” toma as suas proporções quando relacionada com as práticas culturais que a envolve. O jovem é cultura, a juventude é cultura e as práticas do seu quotidiano e as ofertas culturais que existem no seu meio são os motores para a construção do seu perfil sociocultural e, talvez, o impulsionador, ou não, para a existência de relações interpessoais sem olhar a classes sociais e a questões geracionais (será?). No entanto, e nunca esquecendo que o estudo recai sobre os jovens de um concelho no interior de Portugal, localidades pequenas e desviadas da grande metrópole, é, assim, importante mapear não só as práticas culturais que são investidas na área, assim como as posses económicas que envolvem o produtor e o consumidor das atividades culturais.

Luís Fuganti (2013), com uma visão mais filosófica e despida de conceções fixas que a sociedade assume como concretas, defende que a cultura deve ser encarada como um cultivo de tempo, no sentido que recai sobre uma contemporaneidade do futuro e do passado em relação ao presente. Assim sendo, a cultura é, também, um cultivo de maneiras de ser. Maneiras singulares. Completando esta linha de pensamento com o sentido de que este cultivo apenas é possível quando é encontrado um meio em comum sendo imperativo encontrar condições de encontro do imediato em nós. Um foco maior no presente.”¹

Para Vattimo (2009), numa conceção de cultura apreciadora da diferença e da singularidade de cada uma, diz que “o valor da cultura é somente aquele da diferença e, como tal, é também sinónimo de liberdade” (p.8).

O autor supracitado, afirma ainda que, olhando a cultura como um fator de diferença e liberdade temos de considerá-la, também, no sentido da pluralidade para lhe entendermos a

¹ Z (! v] u] (] o } (] o] v l W

<https://www.youtube.com/watch?v=O1oPkCL9pil&fbclid=IwAR0uK0x7HxItyOMSwguLu84x-alT2CQKeL2wilBjegP2H-v3337HoOFMZs>

singularidade, pois as culturas vindouras prometem um contexto de comunidade seja no plano dos produtos culturais seja no plano da política de investigação.

Greetz (1989) faz uma análise global de que tudo o que fazemos é produto da cultura, refletindo que os comportamentos, os gostos ou as orientações são condicionados por estímulos exteriores ao nosso consciente, ao nosso corpo e que, por isso, o antecedente é a cultura e o resultado é um produto que por sua vez é de cariz cultural.

Machado Pais (1990) também adota esta visão de que estamos constantemente a representar a cultura através das nossas atuações em sociedade. Faz assim a referência bastante afincada à forma de vestir dos jovens, hábitos linguísticos, práticas de consumo, etc, que assumem o papel de “símbolo” e, por sua vez, de distinções simbólicas quando analisamos as diferenças, entre os jovens, que se assumem, na maioria das vezes, como interclassistas ao invés de intraclassistas.²

A ideia sobre as distinções simbólicas reforça a ideia de Pais que defende que estes símbolos, que produzem um significado (assim como a questão do emissor, da mensagem e do recetor, quando estamos a produzir uma mensagem sonora por exemplo) é influenciado pelo espaço que nos envolve e este espaço, por sua vez é cultura. As mensagens que partilhamos (os símbolos), quando partilhados, são um fator de pertença, contribuem para que façamos parte de um grupo e que sejamos reconhecidos.

Gary Clarke (1962) também tem algo a acrescentar aquando deste tipo de posicionamento em relação à cultura e, principalmente, na cultura relacionada com os jovens ou com a juventude. Afirmar que qualquer análise a jovens deve passar por um foco exclusivo no estilo (*style*). Na sua perspetiva, a cultura incorporada nas subculturas juvenis é definida em termos de posse de determinados artefactos e estilos de apresentação, ao invés de ser definida totalmente como um estilo de vida, estruturada através de relações sociais baseadas em categorias como classe, género, raça e idade.³

Para Ruth Benedict (1887 - 1948), a cultura é coerência, no sentido que está sempre ligada aos objetivos que pretende cumprir, relacionados com escolhas possíveis, tendo em conta recursos pessoais e o conjunto das escolhas sociais. Na obra de Denys Cuche (1999), citando

² A ideia subjacente nesta introdução da cultura na realidade dos jovens é bastante interessante do ponto de vista que os jovens podem ser tanto o estímulo para o desenvolver de espaços culturais como podem ser a razão para a eliminação dos mesmos.

³ Tradução direta da obra - Clarke, Gary. *Defending ski-jumpers: a critique of theories of youth sub-cultures*. Centre for contemporary studies, University of Birmingham. 1962

Benedict, menciona que “cada cultura oferece aos indivíduos um “esquema” inconsciente para todas as atividades da vida.” (p.78) Esta concepção aproxima-nos do conceito de *habitus* (Bourdieu, 1992)

Para além de olhar a cultura como produto concebido pelas nossas formas de estar, conviver, representar e apresentar, considerando também o *habitus* ou “sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações” (Bourdieu, 1992, p. 167). O *Habitus* permite assim, reinterpretar códigos de conduta comuns mobilizando experiências e formas de (re)conhecer que envolvem o meio em que vivemos e crescemos, os significados com que aprendemos as condutas e normas de socialização da sociedade para nos reconhecermos nela e sermos reconhecidos.

Ao concebermos o *habitus* como elemento de mediação entre as experiências pessoais e as oportunidades e condições de um dado contexto, percebemos, como Bourdieu, que “*a cultura não é só um código comum, nem mesmo um repertório comum de respostas a problemas comuns ou um grupo de esquemas de pensamento particulares e particularizados: é, sobretudo, um conjunto de esquemas fundamentais, precisamente assimilados, a partir dos quais se engendram, segundo uma arte da invenção semelhante à da escrita musical, uma infinidade de esquemas particulares, diretamente aplicados a situações particulares*” (Bourdieu, 1982, p. 349, citado por Setton, 2002, p. 62).

No entanto a cultura pode, também, ser olhada como uma instituição que ensina. Sendo composta por várias formas de educação através das artes plásticas, da música, do ensino, da pintura, etc, sendo assim olhada como o cultivo do saber da mesma forma que se cultiva a terra para obter a melhor colheita. ⁴

Assim, e continuando, para cultivar o nosso saber existem investimentos feitos na cultura, em atividades e iniciativas que unanimemente, ou maioritariamente, são consideradas como estimulantes e enriquecedores a nível cultural e posteriormente, claro, a nível pessoal e interpessoal. Defende-se aqui a ideia de que a cultura cultiva saber e melhora a coesão social.

João Teixeira Lopes (2000) escreve sobre as políticas culturais em cidades de pequena dimensão e acima de tudo propõe uma reflexão sobre a importância que é não esquecer o perfil sociocultural do público a quem queremos fazer chegar a cultura nas esferas públicas. Lopes

⁴ Consultar: Malanchen, Júlia. O conceito de cultura: definição e compreensão a partir da teoria Marxista. Unioeste/Foz do Iguaçu

diz que “uma política cultural para uma cidade de pequena dimensão implica, pois, previamente, uma atitude política para a cultura”, sabendo-se que “esta dificilmente existirá se não houver uma verdadeira formulação política global” (p.86) porque havendo uma boa política cultural haverá maior possibilidade de resultar numa boa coesão social. Fazendo referência a Augusto Santos Silva, Lopes reforça esta ideia dando o exemplo das festas populares concelhias, mencionando que os responsáveis “já sabem que é preciso, por exemplo, diversificar os programas das festas concelhias (...) Mas têm avançado bastante menos no plano de uma leitura mais sociopolítica das raízes e do significado das novas possibilidades e expressões urbanas, na sua articulação com os desafios e as oportunidades de evitar a degradação das condições e dos modos de vida nas cidades de hoje e melhorar, neles, o grau e as formas de coesão social”.” (p.87)

Para concluir esta ideia, Lopes acrescenta ainda que é fundamental existir a compreensão da dicotomia entre o moderno e o tradicional aquando da aplicação das práticas culturais, neste sentido, para que não se perca autenticidade e audiência conseguindo, na mesma, trazer algo de novo para o seu público. Especialmente porque se trata, neste caso, de um concelho com raízes tradicionais muito fortes onde fazer programação inovadora pode ser um grande desafio.

Denys Cuche (1996) defende que a cultura é polivalente, no sentido que tanto permite ao homem adaptar-se ao seu meio, assim como adaptar o seu meio a ele mesmo. Assim sendo, a cultura constrói-se mutuamente com o homem uma vez que ambas sofrem alterações quando estão em contacto – fator que acontece constantemente. e que “nada é puramente natural no homem. Mesmo as funções humanas que correspondem a necessidades fisiológicas, como a fome, o sono, o desejo sexual, etc., são informados pela cultura.” (p.10)

Pierre Bourdieu (1989), quando se trata de pensar em cultura de classe, divide a cultura em duas vertentes, sendo que existe a cultura dominante e as subculturas. Diz ainda que a cultura tem, tanto o poder de unir como de afastar os seus vários intervenientes. A cultura é um fator de união pois, através da comunicação, somos capazes de nos compreender e de nos assimilar uns aos outros, assim como é um fator de distinção porque enfortece as diferenças e as desigualdades. Se nos aproximamos por meio da comunicação também é a cultura que separa por meio da distinção.

Classe social como fator de distinção social do jovem

No seguimento da noção de que as práticas culturais são aplicadas consoante o meio cultural e social envolvente é preciso ter, também, em consideração a classe social que envolve o público para o qual as práticas culturais são dirigidas. Não nos referimos apenas a questões geracionais ou de género, mas também à diversidade social, preferências e estilos de vida dos consumidores ou dos públicos da cultura.

Começando por refletir esta questão, é importante considerar as palavras de João Teixeira Lopes (2000), para quem não existem dúvidas de que os meios urbanos favorecem, de forma intensa, a localização, em particular, das esferas da criação/produção e da receção/consumo. Na perspetiva do autor, as cidades de maior dimensão têm uma amplitude muito mais vasta de estímulos e fatores que contribuem para a realização de práticas culturais diversificadas. Pelo contrário, as cidades de pequena dimensão são mais propensas a sofrer de escassez de oferta, economias de escala, diversificação e especialização de mercados. O autor entende que uma educação centrada em valores, práticas culturais e estratégias auto identitárias tem um maior potencial de valorização de diferentes estilos de vida e da expressividade individual e relacional.

A forma como absorvemos a cultura e participamos dela tem, também, uma forte relação com a teoria do reconhecimento.⁵ Neste caso, e como explica também Bourdieu (2006), poderá existir uma apropriação cultural e, nas cidades mais pequenas o acesso e o investimento são mais fracos em comparação com as grandes metrópoles, sendo que, aquilo que existe pode ser fortemente ligado a estatuto social que tem por base o reconhecimento e a apropriação cultural como fatores distinguidores da respetiva classe social.

Neste exercício de tentar definir da melhor forma a noção sobre classe social, Pais (1990) introduz a consciência das relações historicamente construídas reflexionando que as classes sociais existem, precisamente, devido à relação entre classes. Para justificar esta afirmação, o autor compara esta relação com a noção de tempo, sendo que o mesmo não pode ser medido sem considerar o espaço. Dessa forma, as classes sociais estão inevitavelmente ligadas ao tempo e ao espaço em que as mesmas foram e são constituídas e a forma como se relacionavam e relacionam entre si. No caso específico da pesquisa que nos mobiliza, ter a noção do valor histórico tanto de Mértola como da Mina de S. Domingos é importante para compreender a tendencial maior concentração de riqueza na sede do Concelho (Mértola) e com

⁵ Ver a referência a Georg Wilhelm Friedrich Hegel e a sua teoria do reconhecimento.

ela, a maior incidência de classes sociais marcadas pelo favorecimento social; e, simultaneamente, perceber a maior concentração de operariado em Mina de S. Domingos.⁶

Conceito de Habitus em relação com os conceitos anteriores

É importante reconhecer que durante toda a nossa vida, e agora fazendo uma análise não só aos jovens mas a todas as fases da vida ou gerações, somos “bombardeados” por estímulos que nos colocam em situações: alguns deles dão-nos a percepção de liberdade de escolha e outros vem com algo a que podemos chamar de *fatum*⁷ – situações sobre as quais não temos controlo. O conceito de habitus de Bourdieu também nos remete um pouco para esta realidade, no sentido em que nascemos e crescemos rodeados de determinadas condutas sociais que uma vez incorporadas como experiência, condicionarão a forma como sabemos e reconhecemos, os significados que atribuímos, as escolhas que fazemos. O habitus assim constituído como que antecipa, sem que disso tenhamos consciência, os caminhos possíveis e impossíveis. Bourdieu (2006), pai do conceito e autor da obra “A distinção, crítica social do julgamento” ensina-nos que o conceito de habitus representa a relação entre uma determinada prática e uma situação. Isto porque as práticas produzem sentido de acordo com as categorias de percepção e apreciação. Se é através do habitus que podemos classificar as nossas práticas, assim como a dos outros, então o habitus constitui-se como o princípio de distinção de tais práticas (*principium divisionis*).

Neste sentido, o Habitus também se reflete na questão de classe. Na parte intitulada como “Condições de classe e condicionamentos sociais” Bourdieu apresenta uma fórmula que, segundo ele, “faz desaparecer, também, a estrutura de espaço simbólico delineado pelo conjunto dessas práticas estruturadas, de todos esses estilos de vida distintos e distintivos que se definem sempre objetivamente – e, às vezes, subjetivamente – nas e pelas relações mútuas.” A fórmula é representada da seguinte maneira: “[*(habitus | trajetória) (estrutura e volume de capital)*] + campo = prática” (p.97)

Ainda sobre o conceito, o autor supracitado, acrescenta que “(...) os traços distintivos associados à posição correspondente no espaço dos estilos de vida não se torna uma relação inteligível a não ser pela construção do habitus como fórmula geradora que permite justificar,

⁶ Ver GUITA, Rui (2011) A Mina de São Domingos (Mértola, Baixo Alentejo, Portugal): atividade industrial moderna (1854-1966) in O Mundo do Trabalho no sul de Portugal: bolsas industriais e comunidades rurais. Portimão e Torres, Cláudio. Mértola on the mediterranean commercial routes: from port city to museum town: heritage trail (2008)

⁷ Destino

ao mesmo tempo, práticas e produtos classificáveis, assim como julgamentos, por sua vez, classificados que constituem essas práticas e estas obras em sistema de sinais distintivos” (p.163)

Para finalizar a visão de Bourdieu sobre o conceito de habitus, acrescenta que este é uma “estrutura estruturante que organiza as práticas e as percepções das práticas”, o habitus é também uma “estrutura estruturada” no sentido que é através dele que nos distinguimos e fazemos a divisão do mundo social, através dos nossos comportamentos. Assim, por consequência, também é o habitus o fator crucial de distinção e geração das classes sociais. (p.164)

Desta forma, e visto que o habitus é o desenho de quem somos e daquilo que fazemos, também é ele que condiciona ou conduz a forma como produzimos e consumimos, existindo sempre neste processo um trabalho de apropriação. Ou seja, voltando à questão dos símbolos e condutas sociais, que acima foram mencionadas, estas constituem o habitus e, por esta razão aquilo que se produz e consome é como um círculo vicioso. Porque a repetição (a “reprodução”, nas palavras de Bourdieu) está sempre presente.

No nosso entendimento, o mesmo pode ser atribuído às práticas culturais, porque existe, evidentemente, uma apropriação do valor cultural e do saber associado a essas práticas por aqueles que nelas participam ou até por aqueles que apenas fazem parte do meio onde elas acontecem.

Dulce Magalhães (2010) faz uma análise ao conceito de Habitus relacionando-o com o lugar de classe, afirmando que a pertença a uma determinada classe consiste na reprodução de determinados comportamentos que são representativos de uma classe e que, dessa forma, o indivíduo se consegue inserir e integrar. Habitus é o que dá ao indivíduo a possibilidade de socializar através de determinadas condutas que lhe estão subjacentes. Assim sendo o habitus “é uma subjetividade socializada” (p.32)

Continua este pensamento quando diz que “O habitus está, então, associado a competências práticas, capazes de regular, de pautar respostas a estímulos de vária ordem, isto é, à múltiplas e diversificadas situações com que os agentes sociais se confrontam no seu quotidiano, ou mesmo em situações mais extraordinárias relativamente ao quotidiano vivido.”

Dulce diz ainda que o habitus, enquanto sistema de disposições possibilita a filtração da informação que o indivíduo recebe, de modo que todas as escolhas que faz estão sempre

condicionadas a uma pré condução social. Esta ideia reforça aquilo que tenho vindo a mencionar em quase todas as partes deste primeiro capítulo.

Debruçando-me agora sobre o que escrevi e avaliando a forma como relacionei os conceitos evidencio com maior clarividência a referência ao espaço social. Dulce Magalhães (2010) educa-nos bastante acerca disto quando diz que “o espaço social existe também por inerência de posições sociais (os lugares de classe) que condicionam tomadas de posição (as escolhas) por intermédio do sistema de disposição (o habitus de classe). Essas posições sociais constituem um sistema caracterizado pelas propriedades dos agentes sociais, isto é, pela posse de capitais.” (p.33) Mais especificamente, como referido atrás, pelo tipo de experiências passadas (trajetórias), e pelo tipo de capitais (económico, cultural, social e simbólico) e volume global dessas várias formas de capital de que são portadores

A autora completa esta ideia explicando como o indivíduo é educado, desde cedo, a seguir determinados códigos sociais que o levam a agir de forma a que se consiga inserir no espaço social em que se encontra. Todos os estímulos ao qual é exposto desde a sua infância, em socialização no seu meio familiar, integram-no no meio de forma a que seja “aceite” no seu lugar de classe de origem. Isto é a “interiorização da exterioridade” (conceito desenvolvido por Bourdieu). (p.30)

Para concluir, tudo o que nós vivenciamos é absorvido e, muitas vezes, reproduzido. Estas repetições configuram o nosso habitus, e condicionam as nossas condutas e orientações. Do ponto de vista de cada um, e por que não estamos conscientes destes processos, confundimo-los com conceitos como o “gosto” ou a “escolha”. Este é o fundamento que seguimos para nos conseguirmos inserir numa determinada classe e sermos aceites e classificados como tal. O sentido de pertença existe devido à parecença e padrão que nós produzimos e reproduzimos.

Reflexionando esta ideia num estudo que procura focar os mecanismos sociais e de poder subjacentes às práticas culturais dos jovens de Mértola e Mina de S. Domingos, o objetivo da pesquisa de aqui para diante será mapear os comportamentos desses jovens tendo em conta as respetivas condições e vida e de participação nos meios em que se inserem, equacionando o impacto da oferta cultural institucional durante este processo.

CAPÍTULO 2 - METODOLOGIA

Motivação para o caso de estudo

O Concelho de Mértola recebe, salvo erro, quase a totalidade dos seus jovens – considerando a escolaridade obrigatória - na escola Secundária EB2/3 S. Sebastião de Mértola e na escola profissional Alsud. Grande parte destes jovens desloca-se diariamente para Mértola, visto que o concelho abrange várias freguesias. Assim sendo, é na vila de Mértola que os jovens, tanto de Mértola, como de outras localidades do concelho, ocupam grande parte do seu tempo e, consequentemente, constroem laços entre si.

Mértola enquanto centro do concelho, reúne o maior volume populacional, concentra mais diversidade de atividades económicas geradoras de riqueza e emprego e acolhe, também, a maioria das atividades culturais da região. Nessa perspetiva, pelo menos no contexto deste território, os jovens locais são, à priori “privilegiados” quer do ponto de vista das classes sociais, quer em termos de acesso cultural.

Eu sou nativa do concelho de Mértola, tendo vivido em casa dos meus pais, mais precisamente a 3km da Mina de S. Domingos e, por essa razão considero que sou desse mesmo lugar. Passei a minha infância toda, maioritariamente, na Mina de S. Domingos e posteriormente como os restantes jovens, concluí o ensino secundário em Mértola. Por experiência pessoal sei que existe uma enorme divergência e rivalidade entre os jovens, e não só, de ambas as localidades.

As razões que estão no centro desta questão, acredito, podem advir de inúmeros fatores, ao quais algum contraste que advém da maior concentração de população operária na freguesia periférica não será totalmente alheia. O objetivo desta pesquisa é traçar o encontro entre as práticas culturais e as relações interpessoais dos jovens de ambas as localidades.

Perguntas de partida

- Qual é a perceção que os jovens das freguesias de Mértola e da Mina de S. Domingos têm das práticas culturais existentes no concelho de Mértola?
- De que forma se relacionam os jovens, de ambas as freguesias, entre si?
- Qual é o tipo de investimento dado/feito na cultura no concelho de Mértola?

Objetivos:

1. Delinear as condutas sociais dos jovens residentes nas freguesias de Mértola e da Mina de S. Domingos;
2. Explicar a forma como as práticas culturais da zona integram o espaço social no qual estes jovens estão inseridos;
3. Descobrir e definir qual o papel que estas práticas culturais têm no envolvimento dos jovens uns com os outros e na forma como se percebem.

Estratégia de pesquisa

Tendo em conta os objetivos deste estudo, a pesquisa segue uma estratégia quanti-qualitativa procurando articular informação institucional de caracterização dos territórios em observação com informações obtidas através de entrevistas semiestruturadas a jovens de ambas as localidades e a informantes privilegiados (nomeadamente, a vereadora da cultura e o diretor do departamento de juventude, ambos da Câmara Municipal de Mértola).

Os dados quantitativos foram extraídos do INE e reportam ao ano 2016, envolvendo indicadores de caracterização sociodemográfica, socioeducacional e socioprofissional da população das duas freguesias em destaque. Complementarmente, incluímos a partir desta fonte de dados do INE (Anuário Estatístico de Portugal), igualmente, alguns indicadores sobre dinâmicas culturais promovidas pelo município.

Relativamente às entrevistas, foram realizadas em casa dos jovens (quando possível) e outras foram realizadas no “Espaço jovem” de Mértola e de São Domingos. O objetivo foi entrevistar os jovens de forma descontraída, mas estratégica, de forma a conseguir compreender os seus contextos familiares (classe social da família e nível de escolaridade dos pais); relacionando estes dados com a forma como os jovens ocupam o seu tempo, em que medida estão mobilizados em atividades culturais e desportivas diversas na sua vida quotidiana, e qual é a sua perceção de cultura, quer enquanto prática, quer enquanto atividade formalizada que lhes é oferecida em diferentes iniciativas promovidas pela CM de Mértola e pela escola.

Desta forma dividi o guião de entrevista em 3 partes:

I – A cultura nas práticas e orientações dos jovens

II – Relações interpessoais dos jovens

III – Perfil socioeconómico do entrevistado

O guião de entrevista que desenvolvi para estes jovens é, maioritariamente, composto por respostas fechadas – para cada questão que lhes coloquei e, para lhes facilitar a resposta, ofereci-lhes um conjunto de opções de entre as quais poderiam escolher uma ou mais que correspondesse, de forma mais fidedigna, àquilo que melhor descreve as suas práticas e forma de pensar.

Ao longo da entrevista procurei seguir os princípios de conduta ética e deontológica que enquadram a investigação. Todos os entrevistados (e no caso dos menores os seus pais) consentiram explicitamente em fornecer a entrevista e assinaram para o efeito um termo de consentimento informado (ver anexo). Na entrevista houve a preocupação constante de respeitar as respostas de cada um, sem qualquer juízo de valor ou condicionamento. Tal adquire uma importância analítica particular, tendo em conta que o presente estudo também tem como finalidade compreender de que forma se relacionam e se percebem estes jovens uns aos outros a partir do espaço social que os envolve.

Como referi atrás, para complementar este estudo, realizei também uma entrevista à vereadora da cultura do município de Mértola e outra ao diretor do departamento da juventude do mesmo município. Isto, para conseguir relacionar as perguntas que coloquei aos jovens e, por sua vez, as suas respostas, com a resposta que ambos, a vereadora e o diretor do departamento da juventude têm para os desafios relacionados com a realização de propostas culturais numa zona periférica e extremamente ruralizada, do país.

Deste modo, o guião de entrevista tanto para a vereadora da cultura, como para o diretor do departamento da juventude, foi dividido em três partes muito semelhantes.

O guião da Vereadora:

I – Percurso académico e área de trabalho da entrevistada

II – Plano municipal da Cultura do Município de Mértola

III – Atividades culturais do município viradas para os jovens

O guião do diretor do departamento da juventude:

I – Percurso académico e área de trabalho do entrevistado

II – Caracterização dos jovens do município de Mértola

III – Relação dos jovens do concelho com as práticas culturais

Caracterização do concelho de Mértola

Segundo os dados no INE reportados a 2016, o concelho de Mértola, situado no interior de Portugal, representa uma região com baixa densidade populacional. Relacionando o número de habitante por metro quadrado: numa área total de 1292,87 Km² encontramos aproximadamente 5 hab/K², perfazendo uma população total de 6 319 habitantes. Destes, apenas 459 (cerca de 7,6%) são jovens com idades entre 14 e 25 anos – o segmento que pretendemos analisar nesse estudo.

O concelho é composto por 7 freguesias, entre elas, Corte do Pinto (onde se localiza o lugar das Minas de São Domingos) e Mértola; nestas freguesias, em destaque na análise, encontramos uma Escola de Ensino Básico 1.º ciclo em São Domingos; enquanto em Mértola para além da EB1, estão ainda localizadas duas escolas com ensino Básico e secundários (uma privada, outra pública) – frequentada por jovens de diversas freguesias.

Destaco a propósito os 17 km que separam as duas localidades em referência, Mina de S. Domingos e Mértola, existindo apenas um autocarro da rodoviária por dia, o que dificulta as deslocações para quem não tem outro meio de transporte.

De acordo com os registos relativos ao ano letivo 2015/2016, a escola que alberga o 3.º ciclo, contava com 159 alunos e o ensino secundário contava com 143 alunos na escola pública e 70 na escola privada. Nestes números encontro uma diferença de 87 jovens face ao número total de jovens da região: envolvendo, provavelmente, os que, entretanto, ou seguiram para o ensino superior fora do Concelho ou estão numa situação de transição para o mercado de trabalho ou em inatividade (não consigo confirmar com os dados disponíveis).

No que respeita a atividades culturais promovidas pela câmara municipal de Mértola, em 2016, o registo em relação às despesas em atividades culturais e criativas foi igual a 111€ por habitante/ano e em atividades desportivas foi de 60,80€. O município conta com uma sala de espetáculos (com lotação máxima de 164 lugares), e ao longo do ano são organizadas, em todas as freguesias, diversas festividades em recintos de espetáculos ao vivo (dos quais não existem registos de frequência).

Para além destas instalações, o município de Mértola conta ainda com um museu em atividade e três galerias de arte/espacos de exposições temporárias. No ano 2016, ficaram registadas 17 exposições temporárias, 969 obras expostas e 431 autores representados.

Ainda incorporando as despesas da câmara municipal do município em atividades culturais e criativas, no ano de 2016, um valor de 718 873€, dos quais, 203 329€ (28%) foram investidos em museus, 93 265€ (13%) em bibliotecas, 100 747€ (14%) foram investidos nas artes do espetáculo (sendo que 86 856€ (12%) para música e 10 458€ (1%) para a construção e manutenção de recintos de espetáculos). Para concluir também ainda soma a despesa para apoio a entidades culturais e criativas no valor total de 26 677€ (4%).

No que diz respeito ao número de pessoas empregadas, ainda segundo os dados do INE das Estatísticas do Território, em 2016, o município de Mértola contava com 770 trabalhadores por conta de outrem (representando 12,2% da população do Concelho). Destes, sensivelmente 2/3 não têm mais do que o ensino básico 3.º ciclo (e 22% tem apenas o ensino básico 1.º ciclo) e somente 9% têm o ensino superior. Do ponto de vista das classes sociais, sensivelmente 22% dos trabalhadores por conta de outrem exercem profissões não qualificadas, e cerca de 10% são assalariados agrícolas (num contraste claro com o resto do país, onde esta categoria representa apenas 1% do todo dos trabalhadores).⁸ Nesta região, a classe social que melhor representa a sociedade da informação e do conhecimento (os profissionais técnicos e de enquadramento) acolhe perto de 14% dos empregados (comparando com cerca de 23% no país). Os ganhos médios mensais dos trabalhadores assalariados rondam os 790 Euros (contra 1 094 euros em Portugal); mas em termos médios, um trabalhador não qualificado auferе mensalmente 714 euros, enquanto os mais qualificados (PTE) têm ganhos médios mensais de cerca de 1155 euros.

O município de Mértola conta também com 173 (2,7%) beneficiários do rendimento social de inserção, dos quais 67 (39%) têm até 24 anos.

Características gerais da amostra

x Informantes privilegiados:

A vereadora da cultura do município de Mértola exerce o cargo há dois anos, sendo que nunca teve este cargo - “cargo com muita responsabilidade” frisou - noutra lugar. Licenciada em sociologia, exerce de momento funções executivas onde aplica um conjunto de possibilidades de intervenção em áreas como a gestão da cultura, o desporto e o turismo;

⁸ Esta análise tem por base a Matriz das Classes Sociais de Almeida, Costa e Machado (Matriz ACM). Na sua operacionalização, com o apoio da orientadora Rosário Mauritti, teve de ser feito um ajustamento, pois os dados disponíveis não permitem distinguir no grupo 9 de profissões não qualificadas os trabalhadores por setor de atividade económica.

simultaneamente tem funções de liderança nas áreas administrativas e, por inerência, também acompanha a área da economia. Não está afiliada a nenhum partido político.

O diretor do departamento da Juventude exerce este cargo, no município de Mértola há 18 anos e nunca o exerceu fora de Mértola, trabalhando para a autarquia há 30 anos. Tem uma pós-graduação em economia rural e desenvolvimento local e, no seu cargo atual, exerce funções dirigentes que abarcam muitas áreas que “servem para redescobrir muitas funções”, diz o próprio. Tem a seu cargo, principalmente, a função de gerir uma divisão ligada às áreas do desporto, património e cultura, assim como, também, é responsável por fazer alguma programação juntamente com o executivo. Tal como a vereadora, não está afiliado em nenhum partido político.

Fazendo “justiça” ao critério que enquadrava a sua seleção, ambos os entrevistados têm responsabilidades executivas diretas sobre a gestão das políticas culturais no Município de Mértola, e de forma particular na promoção de atividades orientadas para os jovens.

x Entrevistas aos jovens: Caracterização social dos jovens

No total foram entrevistados oito jovens: três da Mina de S. Domingos e cinco de Mértola. Todos eles têm idades compreendidas entre os 12 e os 16 anos de forma a que as vivências da idade não fossem muito distintas entre eles.

Na Mina de S. Domingos foi entrevistada uma rapariga de 15 anos e dois rapazes também de 15 anos. Em Mértola, entrevistei três raparigas, duas de 14 anos e uma de 16 anos e dois rapazes, um de 12 anos e outro de 15 anos.

Considereei a amostra de jovens suficiente, dado que deu para retirar conclusões bastante consistentes com um padrão visível das relações entre orientações culturais e o perfil sociocultural e socioeconómico dos jovens.

x Em relação aos jovens da Mina de S. Domingos:

Uma rapariga tem ambos os pais empregados a tempo completo, por conta de outrem sendo que a mãe trabalha na limpeza do Hotel da Mina de S. Domingos e o pai é mineiro nas Minas Neves Corvo. Em coerência com estas características socioprofissionais, a mãe concluiu o 6º ano e o pai o 8º ano. [Classe social de origem da família Empregados executantes pluriactivos].

Um rapaz ambos, pai e mãe reformados e o pai também é incapacitado perante o trabalho sendo que o último trabalho que a mãe exerceu foi como gerente de loja (mercearia local) e o trabalho do pai ficou ocultado por opção do jovem. A mãe concluiu o 6º ano e o pai o 8º ano.

O outro rapaz tem a mãe a trabalhar a tempo completo como gerente da sua própria mercearia local e o pai trabalha a tempo parcial, também por conta própria na apanha de lenha e outros serviços. A mãe terminou o 12º ano e o pai o 8º ano [Classe social da família: Trabalhadores Independentes].

x Os jovens de Mértola:

Uma rapariga, a mãe é doméstica e o pai trabalha a tempo parcial, por conta de outrem, na venda de vinhos. A mãe é licenciada e o pai concluiu o 11º ano. [Classe social da família: Empregados Executantes].

Uma rapariga tem ambos, pai e mãe, a trabalhar a tempo completo e por conta de outrem, a mãe exerce funções administrativas na C.M.M e o pai é GNR. A mãe concluiu o 12º ano e o pai o 7º ano. [Classe social da família: Empregados Executantes].

Uma rapariga tem ambos, pai e mãe, empregados a tempo parcial e por conta de outrem. A mãe é animadora sociocultural e o pai é motorista. A mãe concluiu o 12º ano e o pai o 9º. [Classe social da família: Profissionais Técnicos e de Enquadramento].

Um rapaz tem ambos os pais a trabalhar a tempo completo e por conta própria como gerentes da sua própria empresa funerária. A mãe concluiu o 12º ano e o pai o 6º. [Classe social da família: Trabalhadores Independentes].

E o outro rapaz tem ambos, pai e mãe a trabalhar a tempo completo e por conta de outrem, a mãe é professora de jardim de infância e o pai é gestor financeiro. Ambos tem licenciatura. [Classe social da família: Dirigentes].

Quadro 1: Classe social e Perfil educacional da família dos jovens por residência

Classes sociais	Mértola			M.S. Domingos		
	Família	Pai	Mãe	Família	Pai	Mãe
Dirigentes	1	1				
Profissionais Técnicos e de Enquadramento	1		2			
Trabalhadores Independentes	1	1	1	2	1	2
Empregados Executantes	2	2	1			1
Operários Industriais			1		1	
Empregados Executantes Pluriactivos				1		
Escolaridade						
Básico 1º ciclo		1				
Básico 2º ciclo		1		2	3	2
Básico 3º ciclo		2				
Secundário	3		3	1		1
Superior	2	1	2			

Nota: Na classificação do perfil educacional da família atribuiu-se à família a escolaridade do progenitor com perfil melhorado. Nas classes sociais seguiu-se o critério de dominância e de conjugação (no caso em que o pai é operário e a mãe é empregada executante, a família é classificada nos empregados executantes pluriactivos).

CAPÍTULO 3 – DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

As características sociais das famílias dos jovens entrevistados refletem as diferenças, antes assinaladas, que opõem em geral os habitantes de Mértola face aos de Mina de S. Domingos. Em termos de nível educacional, os cinco jovens entrevistados em Mértola são provenientes de famílias com pelo menos o ensino secundário (dois têm pais em que pelo menos um dos progenitores tem ensino superior). Pelo contrário, em Mina de S. Domingos, dois dos três jovens entrevistados têm famílias que não vão além do básico 2, e uma do secundário. De notar que no conjunto das oito famílias, em cinco as mães têm um grau de escolaridade melhorado face aos pais. Tal situação poderá favorecer uma relação mais favorável dos jovens com a escola e a cultura escolar, tendo em conta o papel, em geral, mais ativo das mães na sua educação.

As clivagens dos perfis educativos das famílias destes jovens refletem-se parcialmente nos posicionamentos de classe familiar. De facto, os jovens de Mértola apresentam através deste indicador um perfil relativamente diversificado: num caso a família é dirigente e no outro está localizada nos profissionais técnicos e de enquadramento. As outras três situações não apresentam propriamente grande contraste face às famílias de S. Domingos

Na perceção do diretor do departamento da juventude, no geral, os jovens do Concelho são um grupo bastante homogéneo: “é um grupo muito ruralizado, muito ligado à terra e às tradições” (...) “pode haver um ou outro que se destaque por ter raízes um pouco mais urbanas, mas, no geral, provêm de um seio familiar muito similar.”

Pelo contrário, a vereadora da cultura diz que existem diferenças entre estes jovens, situando essas diferenças na maior ou menos proximidade à sede do Concelho: Apesar de tudo, “os jovens de Mértola poderão ser um pouco mais urbanos” (...) Apesar de estarem muito interiorizados geograficamente, ainda mais interiorizados estão os jovens dos ‘montes’ [das restantes freguesias] que pertencem ao concelho. Existe um afastamento e um isolamento maior”.

Contextualizando historicamente essas diferenças, a entrevistada refere as características socioeconómicas de relativo contraste, no caso dos jovens de Mina de S. Domingos muito marcadas pela pobreza e pela emigração por razões económicas:

“Há particularidades que têm principalmente a ver com o contexto histórico no que toca à exploração mineira e todos os fatores que isso envolve, E também por isto, poderá haver mais

rebeldia da parte dos jovens da Mina de S. Domingos, sobretudo, porque lhes assiste essa faculdade, derivado dos testemunhos que os seus familiares lhes transmitem sobre o quanto foram massacrados e que tiveram de emigrar por falta de emprego. Esta ideia vai-se transportando entre gerações.”

Não obstante estas referências de diferenciação, a vereadora defende que, numa visão global, são um grupo muito homogéneo.

Na sua perspetiva, “a Mina de S. Domingos tem uma identidade territorial muito forte, muito mais forte do que a de Mértola. As pessoas da Mina de S. Domingos nunca dizem que são de Mértola, especificam sempre que são da Mina de S. Domingos e esta identidade deriva de uma unidade de grupo e deve-se a uma união que se desenvolveu ao longo de vários anos e tem uma forte ligação à história sobre a exploração mineira: as pessoas foram exploradas e excomungadas por pessoas de fora.” No entanto, esta questão, na sua opinião, tem-se vindo a diluir, porque “as gerações mais jovens já se começam a interrelacionar mais”. Conclui ainda que “há um sentimento de desconfiança [por parte da população de Mértola] associado ao povo da Mina. Desse ponto de vista, estão como que “unidos na desgraça. Dentro do grupo pode haver muita desavença, mas para o exterior, estão sempre unidos.” (...) os de Mértola, olham para o concelho diferenciando os grupos entre os de Mértola, os dos ‘montes’ e os da Mina, existe esta distinção”.

O diretor do departamento da juventude diz que, na generalidade, os contextos familiares destes jovens são muito parecidos e que esta rivalidade entre a Mina de S. Domingos e Mértola tem vindo a desvanecer-se, em parte devido ao decréscimo do número de jovens. Contudo, olha para esta rivalidade como “uma rivalidade saudável”. Defende também que a Câmara Municipal de Mértola não pretende excluir, neste caso, a Mina de S. Domingos – que tem, hoje em dia, uma praia fluvial muito reconhecida e procurada nacionalmente devido às ótimas condições que ‘oferece’ a quem visita o local – das suas apostas para desenvolvimento local, e dá o exemplo do investimento feito na praia fluvial da Mina de S. Domingos, sendo este o reflexo de que querem aproveitar todos os locais sem dar primazia a uns em detrimento dos outros. “Não há mágoa e queremos que exista um equilíbrio”, sublinha ainda, para terminar este tema.

Ainda no que diz respeito ao meio social em que estes jovens vivem, para além das características sociais da família, nas entrevistas que realizei com os mesmos, existe uma parte

destinada à descrição da pessoa que lhes é mais próxima, que é, neste caso, o/a seu/sua melhor amigo/a.

Dos 3 jovens que entrevistei da Mina de S. Domingos, 1 deles alega que o seu melhor amigo é, também, da Mina, sendo que os outros jovens têm o seu melhor amigo/a noutra localidade do concelho. Dos 5 jovens que entrevistei de Mértola, 2 deles alegam que o seu melhor amigo é de Mértola, sendo que os outros 3 tem o seu melhor amigo noutra localidade do concelho.

Estes dados não permitem concluir, pelo contrário, que a freguesia de residência seja um fator primordial nas sociabilidades amicais. Porventura, tão ou mais importante que a proximidade de vizinhança são as relações que estabelecem no espaço escolar. Neste sentido, a escola está efetivamente a cumprir o seu papel de inclusão e promoção da coesão no território.

Com efeitos, nas respostas à pergunta “como se conheceram?”, no caso dos jovens que disseram que o/a seu/sua melhor amigo/a é da mesma terra, enfatizam o facto de se conhecerem há muitos anos. Os restantes, com amigos de outras localidades do concelho, referem que se conheceram na escola, que são colegas de turma.

Todos estes jovens mantêm estas amizades, no mínimo, há cinco anos, e alguns há 10 ou mais anos. Facto muito significativo, tendo em conta que estamos a falar de jovens com idades compreendidas entre os 12 e os 15 anos.

Quando confrontados com a pergunta sobre o que mais gostam no seu/sua melhor amigo/a as respostas que mais se destacaram foram que o amigo lhe transmite muita confiança e que tem ambos os mesmos gostos. O município de Mértola é grande, mas não tem muita densidade populacional e a maioria dos jovens do concelho aglomeram-se na mesma escola secundária. Sendo Mértola uma localidade no interior do país, com raízes muito tradicionais, o meio social de todos eles é bastante parecido. Desta forma, acredito que não há muito espaço para diferenças em termos de estilos, gostos e hábitos “fora da norma” e que isto, por consequência, fomenta o facto de as amizades se construírem quase unicamente à base da emoção e não tanto com base em atração por algo diferente ou pela aproximação a um “mundo” com que o jovem se identifique mais – isto porque o “mundo” não é muito diversificado.

Concluo isto porque, os mesmos jovens, quando lhes perguntei se havia alguém ou algum grupo de jovens com quem se identificavam menos, a resposta foi positiva para sete dos oitos entrevistados. Entre as categorias de resposta colocadas como opção, nas razões que

selecionaram para justificar a distância face a terceiros predominam categorias como: “*porque ele/ela tem a mania que é mau/má*”, “*porque tem a mania que é muito inteligente*” e “*porque tem a mania que é melhor que os outros*”, Estas respostas dão conta de algumas tensões que podem decorrer da auto/hétero atribuição de estatuto social. Contudo, não é claro que tenham subjacentes uma relação clara com diferenciações de classe social. Diria que estas apreciações parecem sobretudo decorrer de avaliações emotivas que fazem uns dos outros

As restantes opções de escolha variavam entre: Porque é rapaz/ Porque é rapariga; Porque se veste de forma foleira; Porque é da mina de S. Domingos ou Porque é de Mértola; Porque é pobre; Porque é um snob betinho; Porque é burro; Porque tem tudo o que quer; Porque se arma em coitadinho; Porque é gay; Porque consome drogas; Porque acha que é melhor que os outros; Porque é inculto; Porque só conhece aqui esta zona, nunca conheceu mais nada

O facto de não selecionarem categorias relativas a clivagens ligadas à residência sugere que, pelo menos nestas idades, os conflitos latentes entre os jovens de Mértola e da Mina de S. Domingos se têm vindo a desvanecer – refiro pelo menos nesta faixa de idades porque, quanto a mim, claramente, continua a existir entre jovens da minha geração e mais velhos, sobretudo no verão, quando decorrem as festas tradicionais. Esta questão será novamente abordada no próximo capítulo relacionado com as práticas culturais.

Práticas culturais dos jovens

Esta é uma pesquisa sobre jovens que vivem numa região periférica do país com baixa densidade urbana, excetuando a sede do Concelho, Mértola. Isto não só por ser a capital do concelho, mas também porque as pessoas locais têm outras possibilidades materiais de mobilidade, deslocando-se com maior facilidade para fora do concelho.

Contudo, apesar deste isolamento, estes jovens têm acesso a tudo o que acontece também nas zonas urbanas e, de uma forma geral, o que existe nos outros cantos do mundo, assim como no deles.

O diretor do departamento da juventude afirma que fazer programação numa zona periférica e ruralizada como o concelho de Mértola é difícil e desafiante – “fazer programação, por exemplo, é uma coisa muito complexa. Formar públicos é muito difícil porque também estamos perante uma sociedade que tem um acesso muito rápido a várias coisas através da internet.” Acrescenta ainda que é difícil manter o equilíbrio entre a densidade populacional com que se está a trabalhar, ao mesmo tempo que se quer introduzir “coisas novas” na programação.

Curiosamente, a Internet – instrumento por excelência de uma certa harmonização dos gostos e orientações de consumo e mesmo de democratização do acesso à cultura – é aqui assinalada como um elemento que perturba, e complica o elemento de surpresa e “inovação”: “A Internet é dos principais entraves devido a todas as tendências que se geram online e que mudam constantemente o foco e o interesse do público e, principalmente, dos jovens”.

Defende ainda que é necessário que estes jovens consigam descodificar aquilo que lhes é “dado” e apresentado, mas que, na verdade, não lhes são dadas as ferramentas necessárias para isso. Na sua opinião “a escola não os educa neste sentido mais vasto da cultura. A escola tem um papel a desempenhar, que não desempenha”. O seu testemunho parece indicar que esta alegada falta de capacidade para descodificar a cultura e interessar-se de uma forma mais íntegra pela oferta cultural do concelho torna a relação dos jovens com a cultura do município, um pouco distante.

Também a vereadora da cultura considera que o mesmo jovem que facilmente aderiria a uma iniciativa fora do concelho, provavelmente não iria aderir se essa mesma atividade decorresse no concelho. Na sua opinião, no geral os jovens estão “próximos da cultura, mas afastados da comunidade em que estão inseridos”. E a responsabilidade não é só deles, é também de quem programa as atividades. Mais, ainda que o acesso à cultura esteja hoje relativamente “democratizado”, a verdade é que “a cultura com que os jovens se identificam e as tendências variam muito depressa. A rapidez da internet condiciona a atenção dos jovens àquilo que acontece verdadeiramente à sua volta. E isto, uma vez mais, revela que a esmagadora maioria destes jovens tem tendências muito semelhantes, muito comerciais e generalistas que, por sua vez, são tendências caras para o município poder investir nelas”.

Tal como o outro entrevistado, considera que “a curiosidade destes jovens não é educada no sentido de quererem descobrir coisas novas fora da bola universal das tendências culturais nacionais e internacionais”. E quando o município aposta em alguma atividade cultural em específico, precisa de ter público e precisa também que este público se interesse e absorva aquilo que está a decorrer. Neste sentido, a vereadora da cultura diz que “tem de haver uma entrega e um tempo de disposição para aquilo que está a acontecer e há pouca entrega e predisposição para isso.”

Estes jovens, quando confrontados com a questão de “*como gostariam de passar o fim de semana ideal ou/e as férias ideais*”, as respostas predominam entre a experimentação de viagens, a ida a festivais, acampar e, de forma transversal, estar com amigos.

Em contrapartida, excluem das suas preferências as atividades lúdicas mais introspetivas e solitárias, como: Ler um bom livro; Pintar ou desenhar; Pescar; Ir a um festival (estilo mais alternativo)

Note-se que à parte as atividades desenvolvidas em articulação com as escolas da região (por exemplo, atividades desportivas; visitas de estudo), no geral, a oferta cultural que existe no concelho é essencialmente de cariz transversal, para todo o público e não para uma geração em específico. Destaca-se nesta oferta as festas populares, os “bailes da aldeia” que, por sua vez, são também, aquelas que têm maior adesão por parte dos jovens. São um ponto de encontro e reencontro para toda a comunidade, um momento de diversão e lazer, e também de alguma libertação e experimentação, incluindo, por exemplo, o consumo de álcool e tabaco, também nas faixas etárias mais jovens.

A vereadora explica que no município de Mértola existem diferentes componentes de programação cultural. Um muito importante está enraizado no trabalho das associações, envolvendo o apoio do município quer na programação e na logística, e quer na divulgação. Outra vertente diz respeito aquilo que são as iniciativas de programação cultural promovidas diretamente pelo próprio município em parceria com algumas entidades locais.

Boa parte dessas atividades em que a câmara municipal é o principal agente são desenvolvidas com trabalho voluntário. Os apoios externos sendo muito reduzidos, obrigam a alguma contenção nas iniciativas, contribuindo para que sejam predominantemente de cariz mais popular e tradicional (Espetáculos de cante Alentejano e outros musicais; feiras gastronómicas; feira de caça; promoção de convívios dirigidos à população mais idosa do Concelho; eventos desportivos, etc.) de modo a exigir menos recursos financeiros e menos logística. A par da Câmara, também as freguesias vão tendo a sua própria voz na programação de algumas atividades locais. Exemplo disto são as festas populares, as romarias, os jogos de lazer que tem uma raiz tradicional muito forte; a missa e a procissão; etc. Nestes eventos toda a população sénior e júnior está mobilizada, sobretudo quando ocorrem nas localidades do concelho, mais do que propriamente na vila de Mértola.

Em contrapartida e pelas palavras da vereadora da cultura, “a Mina de S. Domingos tem uma formação cultural já muito enraizada e, por isso, está habituada a várias formas de manifestação cultural como conhecimento cinéfilo (e por essa razão a adesão ao cinema na Mina de S. Domingos é muito maior do que em Mértola), assim como o teatro e a música –jazz, tradicional...” Na sua opinião, poderá evidenciar-se nestas dinâmicas peculiares no contexto da

região “alguma da influência Inglesa”, que marcou presença durante a exploração mineira. Já em Mértola a adesão é um pouco diferente, “(...) talvez porque a população é mais seletiva ou talvez, também, por terem maior facilidade de circulação fora do concelho e assim experienciar coisas diferentes noutros contextos. É um público mais diversificado. Ainda é preciso fazer um trabalho de gestão de cultura e de públicos, que tem de ser feito a longo prazo. (...). Em Mértola, “Há uma certa resistência em relação a certos tipos de atividades que, talvez, noutro sítio de Portugal teria mais adesão.”

No que diz respeito à oferta cultural que existe no concelho, que tende a ser muito generalista, a vereadora da cultura frisa ainda que o que impulsiona muito eficazmente o sucesso de uma atividade é quando esta envolve toda a comunidade. Explica que, numa zona onde o tradicionalismo está tão enraizado em todas as faixas etárias, é preciso envolver vários agentes para que a mesma tenha audiência. Frisa também que este tipo de abordagem deve ser, cada vez mais, aplicado em atividades que fogem um pouco àquilo que a comunidade está habituada a receber. Isto, respeitando sempre a proximidade entre o novo e o tradicional na introdução de novas apostas culturais.

O testemunho da vereadora sugere assim que este é um público que pode ser fácil para determinados eventos e difícil para outros. Com efeito, quando interpelados acerca *das atividades culturais que mais gostam de entre aquelas* T X H R P ,Xs Qvds F t S L R refletem isso mesmo.

No leque de opções sobre as atividades mais apreciadas destacam nomeadamente: o Festival islâmico; as Festas da Vila; As festas tradicionais da aldeia.

Quanto às atividades lúdicas menos apreciadas são: Participar em workshops artísticos; Aulas de zumba; Sessões de cinema ao ar livre; Visitar o campo arqueológico de Mértola. É curioso encontrarmos nesta listagem, precisamente, algumas atividades que tendem a ser oferecidas em articulação com a escola, e que implicam uma maior estruturação do tempo de convívio.

Durante as entrevistas aos jovens foi perceptível, através de expressões faciais e comentários que me deixaram, que consideram esta oferta cultural muito monótona e pouco diversificada, e que, gostariam que houvesse uma maior afluência de determinadas atividades. No entanto, quando lhes perguntei de que tipo de atividades sentem mais falta ou qual o tipo de apostas que gostariam de ver, a resposta, na grande generalidade, não foi muito elaborada, no sentido que não conseguem desenvolver o seu sentido crítico acerca deste assunto.

Curiosamente, tanto a vereadora da cultura como o responsável do departamento da juventude partilharam comigo a mesma percepção: a escola tem um papel fundamental na educação, também ela crítica e criativa relacionada com vertentes culturais mais variadas que, muitas vezes, não aplica.

Percepção de cultura destes jovens

De entre os oito jovens que entrevistei, todos têm uma noção muito vaga de cultura e sobre tudo o que a envolve. Exemplo disto é que, quando lhes perguntei o *que é para eles uma pessoa culta*, a resposta que mais sobressaiu foi “alguém que sabe muito sobre muita coisa”, ou seja, enquadram a cultura num conceito de cultura geral. Apenas um jovem respondeu de forma um pouco mais completa, alegando que uma pessoa culta é “alguém que tem um conhecimento histórico e cultural bastante aprofundado de um determinado lugar”.

Os mesmos jovens, quando confrontados com a pergunta “*o que é a cultura para ti, consegues dar exemplos específicos?*” As respostas que predominam é na base de que a cultura está intrinsecamente ligada a um lugar, ao território.

Estas respostas refletem que estes jovens tem uma noção de cultura muito restrita à realidade onde nasceram e vivem: o Alentejo. Que é, por sua vez, uma região com raízes culturais muito fortes ligadas, precisamente, aos tradicionais costumes locais. Ao identificarem a cultura nestes termos territorializados, manifestam de forma evidente as experiências de manifestação cultural que os têm mobilizado de forma mais permanente, que eles presenciam e da qual fazem parte.

No entanto, mais adiante na entrevista, quando os confrontei com algumas questões relacionadas com as práticas culturais que, na opinião deles, seriam mais enriquecedoras a nível cultural para jovens da idade deles, quase todos incluíram opções mais diversificadas e mais compostas. De entre as várias opções de resposta que eu lhes fui dando para eles avaliarem consoante o grau de importância que eles lhe atribuiriam (numa escala de 0 a 10), as respostas com maior pontuação, de uma forma geral, foram as seguintes:

Visitar museus e exposições; Viajar com a família para conhecer novos lugares; Ir a visitas de estudo; Ir às aulas, ser bom aluno a ciências; Ter um curso superior

Curiosamente, sete em oitos dos jovens entrevistados consideram, também, importante ler e ter livros não escolares em casa. Assim, e apesar de quando confrontados com uma pergunta aberta terem manifestado mais dificuldade em construir uma resposta em volta do

conceito de cultura, uma vez diante de uma lista com opções de resposta fechada conseguem ser bastante assertivos e rápidos nas suas considerações.

De entre as mesmas opções de escolha, aquelas que atribuíram menos importância foram:

Ver jogos ao vivo em estádios; Aprender um instrumento musical novo; Praticar algum desporto.

Apesar de estes jovens conseguirem identificar quais são as atividades que contribuem para enriquecer a sua cultura pessoal, ao mesmo tempo, quando excluem estas três opções da pirâmide de importância, no caso, em particular, “praticar algum desporto”, creio que isso advém de uma falta de conhecimento aprofundado sobre as várias modalidades desportivas; e efetivamente, sugere que não reconhecem o desporto como um fenómeno cultural que envolve muito mais do que as aulas de educação física que frequentam durante o período de aulas. A mesma coisa acontece quando desprezam a opção “aprender um instrumento musical novo” à qual atribuíram todos valores extremamente baixos. Tal contrasta com o relevo expressivo que atribuem a “ir a um festival ou concerto ao vivo”, e sugere que o único contacto educacional que tem com a música nas aulas de educação musical não parece contribuir para alimentar, de forma assertiva, o seu conhecimento musical. Vale a pena aprofundar em futuras pesquisas este aparente paradoxo: o apreço que têm pela música (o festival e o concerto, frequentemente de teor comercial) e ao mesmo tempo, o aparente desprezo que devotam à componente da educação musical lecionada na escola.

Ainda focando neste tema relacionado com a perceção destes jovens com a cultura e a forma como participam, ou não, ativamente nas atividades propostas, o Diretor do Departamento da Juventude diz que “é importante que eles nos digam também o que querem, que nos deem ideias, que participem ativamente. Acho que os jovens ainda não perceberam a importância que tem do ponto de vista das suas ideias e da sua força enquanto jovem. Os jovens de hoje serão os dirigentes de amanhã e é preciso criar neles condições para eles pensarem por eles próprios. Eles têm de saber que tem capacidade e, sobretudo, poder.”. Neste sentido, a perceção que estes jovens têm sobre a cultura é fundamental que seja expressada e trabalhada. Nomeadamente, é fundamental que no presente lhes sejam dadas as devidas ferramentas para que, num futuro próximo, consigam compreender o que os rodeia, de várias perspetivas, assim como respeitar-se melhor uns aos outros.

Posto isto, torna-se fundamental rever a questão da educação cultural e do papel da escola na vida dos cidadãos, mas essencialmente, na vida dos jovens. Neste sentido e em entrevista com a vereadora da cultura, coloquei-lhe uma pergunta específica sobre esta questão: “*Em que medida considera que a participação e o contacto dos jovens com as práticas culturais podem incentivar a compreensão e a relação*” X G i Y H O Na resposta é Vereadora: “é fundamental.” E é fundamental, diz, porque é através da aprendizagem de diferentes formas de manifestação emocional e corporal que enriquecemos a nossa compreensão e perceção do mundo exterior ao nosso. A manifestação cultural é fundamental para estes jovens perceberem as diferenças, reforçarem a sua sensibilidade e a compreensão pelo sentido estético. Pelas palavras da vereadora isto é “a formação de algo que é menos técnico e cognitivo para algo que é mais sensorial.”

A vereadora adianta ainda que “muito dos problemas que vemos hoje decorrem desse não contato com expressões corporais e sensoriais. A pessoa que é exposta a diferentes expressões corporais enriquece e ganha ferramentas mais ricas para trabalhar e compreender a vida. Não podemos levar os miúdos só ao jardim zoológico, mas também a teatros, galerias.” (...) é que “a cultura e a formação cultural torna-nos pessoas mais completas, e abre-nos o espírito para muitas coisas. E enquanto isso não for entendido pelas pessoas, pelos pais (...) não perceberem que isso é parte integrante da formação, se calhar vamos ter que batalhar um pouco. Mas é fundamental e nós também achamos que a formação de públicos parte muito daí. Nas gerações mais velhas já é mais difícil fazermos esse trabalho, mas é muito importante que desde pequeno se dê às crianças um leque de oferta cultural muito diversificado porque isso vai moldar a pessoa que vão ser e também as suas competências, porque ajuda e formar a muitos níveis.”

Também alguns dos pais destes jovens, com quem tive oportunidade de trocar impressões informais, manifestaram algum descontentamento em relação à fraca diversidade da oferta cultural dirigida especificamente para os jovens, principalmente em altura de férias. Afirmam que os seus filhos ficam pouco ativos e que passam grande parte do tempo em casa.

Já a vereadora da cultura tem uma interpretação diferente no que respeita a participação dos jovens em atividades do município, considerando que os mesmos têm uma presença mais acentuada durante o período de férias. Neste sentido, refere como exemplo os “bailes da aldeia” que decorrem durante o verão (período de férias) e que estão sempre cheios de jovens, mais do

que qualquer outra atividade. Acredito que aqui existe uma interpretação diferente no que respeita a programação cultural e programação cultural dirigida somente a jovens.

Outro obstáculo que o concelho de Mértola enfrenta, aquando da aproximação dos jovens com a cultura, é a questão da acessibilidade. As localidades ficam afastadas umas das outras (Mina fica a 17km de Mértola; e a oferta de transporte público é muito escassa). Tal dificulta imenso o acesso dos jovens a alguma atividade que decorra fora do local onde residem. Ambos, a vereadora da cultura e o diretor do departamento da juventude afirmam que já existem projetos em curso para melhorar esta questão de forma a não ser um prejuízo económico e ser uma grande melhoria a nível social. No entanto, ambos, também afirmam que é difícil fazer programação para estes jovens porque, ao terem acesso às tendências nacionais e mundiais através da Internet, isto dificulta muito atrair o interesse deles para opções mais alternativas e mais baratas que possam decorrer no concelho. A vereadora afirma que a adesão a um artista “lá fora” poder ser muito maior do que no próprio concelho e, por vezes, os mesmos jovens que não assistem a eventos promovidos no município, assistiriam fora dele e que isto tem muito que ver com a “nossa” predisposição para algo pois, é evidente que quando vamos ver uma peça de teatro, um concerto, assistir um filme ou realizar outra atividade, precisamos de ter vontade para tal, de modo que consigamos absorver aquilo que nos está a ser transmitido e é esta predisposição que deve ser, também, exercitada.

No entanto, e para concluir e relacionar a discussão com alguns conceitos abordados no início da pesquisa, é importante realçar que ambos, a Vereadora da cultura e o Diretor do departamento da juventude, afirmam que fazer programação num meio tão ruralizado e ligado às raízes tradicionais é um grande desafio e que, no concelho de Mértola, a Câmara Municipal é a entidade com maior intervenção nas atividades culturais que decorrem no concelho porque o movimento associativo não é muito forte – sendo que os principais agentes envolvidos são a C.M.M e algumas juntas de freguesia. E esta programação cultural torna-se complicada porque a capacidade de investimento financeiro do município é limitada, e não permite sair muito do “padrão” de programação já existente no concelho que tem um grande enfoque nas festividades tradicionais e alguns projetos implementados, como é exemplo os cursos de escavação no Centro Arqueológico de Mértola, “À noite no mercado”, “Sábado em família”, “Encontro de reformados”. Torna-se arriscado investir em apostas “diferentes” porque a densidade populacional é pouca e a diversidade de público não é muito evidente. E neste sentido, a vereadora da cultura defende que para fazer programação “são necessários meios, e meios, por um lado financeiros, logísticos e também humanos e quando falamos em associações a maior

parte delas dinamizam-se com voluntários, alguns deles nem estão cá, estão fora e logo por aí é um certo handicap. Depois também tem orçamentos muito reduzidos (...) e por isto, a camara municipal é o grande programador cultural do território.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Crescer e ser jovem no Alentejo, mais especificamente no concelho de Mértola, é, acima de tudo, estar inserido num meio periférico e muito ruralizado, onde as raízes tradicionais são muito fortes. Desta forma, este jovem, e seguindo a premissa de Machado Pais (1990), também está exposto a vários estímulos diferentes, sendo que ser jovem corresponde a uma fase da vida dedicada à descoberta de novas e diferentes formas de expressão, de aquisição de condutas sociais às quais vai sendo exposto, e posterior exteriorização destas.

No entanto e respeitando a premissa anterior, conclui-se nesta pesquisa que os jovens entrevistados estão todos envolvidos num espaço social muito semelhante, onde as condutas sociais e os estímulos a que estão expostos não variam muito. As características periféricas, a interioridade, enfim, o território, mais do que as clivagens de classe, parecem ser, no caso dos jovens de Mértola e Mina de São Domingos os principais fatores de constrangimento e delimitação das relações e experiências que constroem em torno da cultura.

Com efeito, foi possível verificar que, mesmo sendo provindos de meios familiares com características socioeducativas, socioprofissionais e condições financeiras distintas, onde os hábitos familiares podem variar, os gostos e expressões dos jovens são muito semelhantes. As prioridades, o conhecimento cultural, o sentido crítico e as formas de apresentação são convergentes, o que se torna curioso porque, a juventude em contexto mais aberto, tende a ser mais fortemente marcada pela diversidade interclassista. E assim como Greetz (1989) diz que tudo o que fazemos é um produto cultural e que tudo é condicionado por estímulos exteriores, podemos verificar aqui que a “assimilação cultural” é muito transversal.

O grande fator de distinção entre os jovens do concelho de Mértola e, neste caso específico entre os jovens da Mina de S. Domingos e de Mértola é a distância entre as localidades. Esta distância diminui as oportunidades de participação dos que residem fora da sede do concelho, pois dificulta o acesso ao local onde decorrem a maioria das atividades culturais (mesmo que poucas): que é Mértola. A vereadora da cultura e o Diretor do departamento da Juventude assumem que existe um maior investimento em Mértola por ter maior densidade populacional e por ser a capital do concelho onde a C.M consegue investir de forma mais direta e independente.

É relevante considerar que a cultura é também um cultivo de maneiras de ser (Luís Fuganti, 2013) e, neste sentido olha-se a cultura numa perspetiva de que a mesma é uma ferramenta de sensibilização, de compreensão e de enriquecimento das várias formas de

expressão. O papel da escola é mencionado durante as entrevistas com a Vereadora da Cultura e o Diretor do Departamento da Juventude, com uma perspetiva algo crítica. Nestes testemunhos é enfatizada a importância de uma viragem cultural nas práticas preconizadas na/pela escola tendo em vista uma educação centrada em valores, práticas culturais e estratégias auto identitárias de forma a que os diferentes estilos de vida e a expressividade individual e relacional possam ser mais valorizados (João Teixeira Lopes, 2000). Realço isto porque, conclui-se que estes jovens manifestam dificuldades em desenvolver uma crítica ao meio cultural que os envolve, bem como em especificar do que sentem falta a nível de atividade (sendo que alegam sentir falta de algo).

Contudo, isto é um trabalho de toda a comunidade e entidades envolventes. É essencial compreender que formar públicos e jovens é um desafio principalmente quando existe uma densidade de população baixa, bastante dispersa e extremamente ruralizada à qual não são disponibilizadas as ferramentas necessárias para conseguirem decodificar algumas manifestações culturais pelas quais acabam por demonstrar desinteresse. A Vereadora da Cultura afirma que a melhor forma de cativar a população é envolver a comunidade na atividade ou projeto em questão. João Teixeira Lopes (2000) explica esta dificuldade quando diz que “às cidades de pequena dimensão faltam limiares mínimos de oferta e procura, economias de escala, diversificação e especialização de mercados (...), bem como um universo de valores e práticas centrados na procura de consumos culturais mundanos e em estratégias auto-identitárias, de apresentação de si e de valorização de estilos de vida próprios de um individualismo expressivo e relacional. O volume e densidade populacionais, como já faziam notar (...), estimulam a diversidade subcultural.” (p.85)

Este desafio prende-se precisamente com um exercício muito desafiante que é “reinventar” o espaço social a que estes jovens estão tão habituados. Enraizados com uma rotina com pouca variedade cultural, torna-se mais complicado para os mesmos conseguir compreender novas formas de expressão artística e, posteriormente, pessoal da mesma forma que lhes é difícil tentar compreender a “outra realidade” que na verdade lhes é mais próxima do que eles assimilam. Exemplo disto é o conflito, cada vez menos acentuado, mas ainda existente, entre os jovens da Mina de S. Domingos e Mértola: Nasceram e cresceram com uma mensagem muito assente nesta distinção que já fora exposta na discussão no Capítulo 3 e todas as realidades com que vivem que constituem este hábito (também *habitus*) são, à priori, um bloqueio para que exista interação interpessoal entre estes jovens.

O conceito de habitus de Bourdieu (1992) responde a várias questões ao longo de toda esta pesquisa no sentido que nos ajuda a compreender que estes mesmos jovens, apesar de terem poucos indicadores físicos, de aparência, de classe que os diferencie, desenvolvem indicadores de distinção através dos códigos sociais (condutas e “regras” passadas por gerações e através da estereotipação).

O habitus é aqui, e respeitando que é *uma estrutura estruturada e estruturante* – Bourdieu, 2006) também um meio de assimilação de uma distinção quando a mesma não é logo evidente. Pode estar esta distinção também relacionada com o facto de estarmos habituados que numa sociedade existem sempre distinções e, portanto, obrigamo-nos a encontrar signos que nos distingam? Que resultem, neste caso, numa distinção negativa.

Quero ter assente que, apesar do concelho de Mértola estar extremamente ruralizado e ter uma densidade populacional cada vez menor e mais afastada devido às distâncias entre localidades, e que estes jovens apesar de representarem um grupo bastante homogéneo são sempre indivíduos individuais na sua primeira essência e que, os hábitos dos mesmos não devem ser desvalorizados bem como as assimilações que fazem mas que, no entanto, é importante considerar que a variedade e a diferença são importantes para tornar este jovem também um jovem mais tolerante e versátil na sua essência individual refletida num coletivo.

BIBLIOGRAFIA

Bourdieu, Pierre (2006), *A Distinção. Crítica Social do Julgamento*, Porto Alegre, Editora ZOUK.

Bourdieu, Pierre (1989), *O Poder Simbólico*, Lisboa, Diefel.

Bourdieu, P. (2002). *Esboço de uma teoria da prática*. Precedido de três estudos de etnologia Kabila. Oeiras: Celta Editora.

Cuche, Denys (1999), *A Noção de Cultura nas Ciências Sociais*, São Paulo, EDUSC.

Clarke, Gary (1962), *Defending ski-jumpers: a critique of theories of youth sub-cultures*. Centre for contemporary studies, University of Birmingham.

Costa, Pedro (1999), “Efeito de ‘meio’ e desenvolvimento urbano: o caso da fileira da cultura”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, N.º 29.

Ferreira, Vítor Sérgio (2017), *Pesquisar Jovens Caminhos e Desafios Metodológicos*, Lisboa. Imprensa de Ciências Sociais.

Guimarães, Gilselene Garcia e Macedo, Juliana Gomes de (2009), *Culturas Juvenis: Uma ressignificação contemporânea?* *Revista Travessias*, 3(2).

Guita, Rui (2011), *A Mina de São Domingos (Mértola, Baixo Alentejo, Portugal): atividade industrial moderna (1854-1966)*, in: *O Mundo do Trabalho no sul de Portugal: bolsas industriais e comunidades rurais*. Portimão Hall, Stuart. Estudos Culturais e Seu Legado Teórico.

Greetz, Clifford (1989) *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro. LTC

Lopes, João Teixeira (2000), “Em busca de um lugar no mapa Reflexões sobre políticas culturais em cidades de pequena dimensão”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.34. Oeiras.

Magalhães, Dulce (2010), *Vinhos: Arte e Manhas em consumos sociais. A apreensão de uma prática sociocultural em contexto de mudança*. Porto, Afrontamento.

Malanchen, Júlia (2012), “O conceito de cultura: definição e compreensão a partir da teoria Marxista”. Unioeste/Foz do Iguaçu. In: [artigo_simposio_3_945_julia_malanchen@hotmail.com.pdf](#)

Pais, José Machado (1990), “A construção sociológica da juventude – alguns contributos”, *Análise Social*, XXV (105-106).

Pais, José Machado (1994), “Jovens Europeus”, *Coleção Estudos da juventude*. n.8. Lisboa: ICS / IPJ.

Torres, Cláudio (2008), *Mértola on the mediterranean commercial routes: from port city to museum town: heritage trail*, Mértola, Camara municipal de Mértola.

Setton, Maria da Graça Jacintho (2002), “A Teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea”, *Revista Brasileira da Educação*, n. 20.

Simões, Francisco e Drumonde, Rui (2015), “As singularidades dos jovens NEEF em zonas rurais: o caso açoriano”, *Observatório Permanente da Juventude* (link: <https://www.opj.ics.ulisboa.pt/publicacoes/olhares-sobre-jovens/>)

Vátimo apud Guimarães, Gilselene Garcia e Macedo, Juliana Gomes de. 2009

Outras referências:

Referência mais filosófica ligada a Nietche na palestra de Luís Fuganti “Ação cultural como produção de subjetividade” ver
link: <https://www.youtube.com/watch?v=O1oPkCL9pil&fbclid=IwAR0uK0x7HxItyOMSwguILu84x-alT2CQKeL2wilBjegP2H-v3337HoOFMZs> Contribuições para a formulação de políticas públicas no horizonte 2013 relativas ao tema Cultura, Identidade e Património. Relatório final. Instituto de ciências sociais na universidade de Lisboa e Observatório das Actividades Culturais. Outubro. 2005

ANEXOS

Guião de entrevista dirigido ao Diretor do Departamento da Juventude do Município e Mértola

Guião de entrevista

É com grande prazer que abraço esta oportunidade de poder entrevistá-lo e conversar consigo acerca de alguns aspetos relacionados com os jovens do concelho de Mértola, principalmente acerca da relação dos jovens do concelho com a cultura e a forma como o Manuel vê esta relação.

Esta entrevista tem como base a recolha de informação fundamental para a minha dissertação de Mestrado no curso de Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação, na qual o foco principal é tentar compreender a relação que os jovens do concelho têm com a cultura e de que forma as atividades culturais podem influenciar as relações interpessoais dos jovens.

Todas as informações que partilhar serão tratadas de forma confidencial, sem qualquer possibilidade de podere ser identificada e destinam-se especificamente para o meu estudo de mestrado.

Se concordar, gostaria de ter a sua autorização para gravar a entrevista. Autoriza a gravação (tem de ficar gravado que sim, autoriza).

Parte I – Percurso académico e área de trabalho dos entrevistados

Gostaria de começar a entrevista com algumas perguntas de cariz mais pessoal para conseguir entender o seu percurso académico e profissional

1. Qual é o grau académico mais elevado que obteve? Em que área?
2. Como é que descreve a sua profissão atual? E quais são as principais funções do seu encargo principal?
3. Há quantos anos exerce este cargo?
4. Há quantos anos exerce este cargo no concelho de Mértola? Já tinha exercido este cargo em algum sítio anteriormente?
5. Está afiliado a algum partido político?

Parte II – Caracterização dos jovens do concelho de Mértola

1. Pela experiência que tem a trabalhar para e com os jovens do concelho de Mértola como é que caracteriza os jovens do concelho? Existem características específicas que distinguem estes jovens de outros jovens que não vivem em regiões periféricas?
2. Pode dizer-se que os jovens de Mértola são um grupo grandemente homogéneo?
3. O meu trabalho é especificamente sobre os jovens da Mina de S. Domingos e os restantes jovens do concelho de Mértola. Com a experiência que o Manuel tem a trabalhar com

e para estes jovens, diria que existe uma diferença acentuada entre a população (ou especificamente os jovens) de Mértola e da Mina de S. Domingos ou não? Consegue dar exemplos?

4. Na verdade, interessei-me por fazer esta tese por causa da minha adolescência. Cresci rodeada dos meus amigos, tanto da Mina de S. Domingos como de Mértola e foi evidente, para mim, que os jovens de ambas as localidades não se relacionavam. Existe uma desconexão enorme. E eu gostaria muito de saber se o Manuel tem alguma ideia sobre isto que gostasse de partilhar comigo.

4.1. Quais são os desafios que hoje são colocados a esse nível? Se assim se proporcionar, quais os desafios colocados especificamente nas práticas culturais e atividades destinadas aos jovens?

Parte III – Relação dos jovens do concelho com as práticas culturais existentes

1. Sei que tem havido um grande decréscimo do número de jovens do concelho nos últimos anos. Sente que este fator condiciona a aposta em atividades culturais, principalmente dirigidas aos jovens?

2. Nota alguma tendência, por parte dos jovens, para gostarem mais de alguma atividade cultural em específico? Porque que acha que isto acontece?

3. Considerando as atividades culturais que existem no concelho, existe alguma preocupação da organização destas atividades em relação às exigências ou diferenças entre jovens do concelho? Pode dar exemplos?

1. Acha que as atividades dirigidas aos jovens são suficientes para satisfazer as vontades enquanto pessoa que está numa fase da vida dedicada à descoberta, abertura a novos estímulos e integração?

2. Em que medida considera que a participação e o contacto dos jovens com as práticas culturais podem incentivar a compreensão e a relação saudável entre eles?

Guião de entrevista dirigido à Vereadora da Cultura do município de Mértola

É com grande prazer que abraço esta oportunidade de poder entrevistá-la e conversar consigo acerca de alguns fatores culturais do concelho de Mértola, principalmente acerca da relação dos jovens do concelho com a cultura e a forma como são distribuídas as atividades culturais pelo município.

Esta entrevista tem como base a recolha de informação fundamental para a minha dissertação de Mestrado no curso de Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação, na qual o foco principal é tentar compreender a relação que os jovens do concelho têm com a cultura e de que forma as atividades culturais podem influenciar as relações interpessoais dos jovens.

Todas as informações que partilhar serão tratadas de forma confidencial, sem qualquer possibilidade de podere ser identificada e destinam-se especificamente para o meu estudo de mestrado.

Se concordar, gostaria de ter a sua autorização para gravar a entrevista. Autoriza a gravação (tem de ficar gravado que sim, autoriza).

Parte I – Percurso académico e área de trabalho dos entrevistados

Gostaria de começar a entrevista com algumas perguntas de cariz mais pessoal para conseguir entender o seu percurso académico e profissional

1. Qual é o grau académico mais elevado que obteve? Em que área?
2. Como é que descreve a sua profissão atual? E quais são as principais funções do seu encargo principal?
3. Há quantos anos exerce este cargo?
4. Há quantos anos exerce este cargo no concelho de Mértola? Já tinha exercido este cargo em algum sítio anteriormente?
5. Está afiliada a algum partido político?

Parte II - Plano Municipal da Cultura do Município de Mértola

1. Aquando da programação e realização das atividades culturais do concelho existe um grande movimento associativo? Há alguma freguesia que se destaque nessa dinâmica pelo número e qualidade de iniciativas?

1.2. Na sua opinião, quais os fatores que favorecem essa situação?

3. Quem são os maiores alicerces destes movimentos

2.4. Quais as principais características das entidades (ou pessoas) envolvidas? No geral, diria que existe um equilíbrio entre iniciativas privadas e iniciativas promovidas pelo município e outros organismos públicos? Se considerar necessário, devo perguntar “porquê que acha que isto acontece?” o que que poderia ser feito em termos de território e em termos de movimentos para o concelho?

2.1. Como é que a Rosinda descreveria as atividades culturais que existem no concelho? Na sua opinião, nessas atividades temos oportunidade de reviver algumas «tradições», características da região? Porquê: Pode dar exemplos que exemplifiquem a sua resposta?

3. Tendo em conta que estou a desenvolver uma pesquisa que compara a Mina de S. Domingos e Mértola, nesse sentido, gostaria que a Rosinda comentasse em que medida considera que os dois contextos apresentam características diferenciadas que condicionam as dinâmicas e iniciativas culturais aí promovidas. Como assim? Como é que interpreta a distribuição das práticas culturais do concelho? É mais propício ou fácil realizar as atividades em determinados locais do que em outros, ou não? Pode dar exemplos para ser mais específica?

Parte III – Tendo em conta o foco da minha pesquisa nas orientações e práticas culturais dos jovens de Mértola, gostava agora de lhe colocar um conjunto de questões específicas... atividades culturais do concelho viradas para os jovens

1. Como descreveria a relação dos jovens do concelho de Mértola com a cultura? Porquê? (consoante os adjetivos que atribuir a esta relação, pedir para afinar o porquê de ela considerar que a relação assim se estabelece).

2. Sei que tem havido um grande decréscimo do número de jovens do concelho nos últimos anos. Sente que este fator condiciona a aposta em atividades culturais, principalmente dirigidas aos jovens? Quais os principais desafios que se colocam a este nível? Quem são os agentes que devem ser mobilizados?

3. Nota alguma tendência, por parte dos jovens, para gostarem mais de alguma atividade cultural em específico? Porque que acha que isto acontece?

4. Considerando as atividades culturais que existem no concelho, existe alguma preocupação da organização destas atividades em relação às exigências ou diferenças entre jovens do concelho? Pode dar exemplos? Depois da resposta de Rosinda, e dependendo do que respondeu, levantar a questão sobre a acessibilidade dos jovens às práticas do concelho.

5. Num balanço anual, a Rosinda diria que a adesão dos jovens às atividades culturais se concentra mais em alguma altura do ano em específico ou não?

6. Em que medida considera que a participação e o contacto dos jovens com as práticas culturais pode incentivar a compreensão e a relação saudável entre eles?

7. Esta última questão que coloquei, deriva um pouco da minha experiência pessoal como jovem do concelho de Mértola que cresceu na Mina de S. Domingos. Algo que eu experienciei, foi uma desconexão enorme entre os jovens da Mina de S. Domingos com os jovens do resto do concelho, principalmente com os jovens de Mértola. Tenho pensado muito nisso e gostaria imenso de saber o que a Rosinda pensa sobre isto.

8. Com a experiência que a Rosinda tem a trabalhar com e para as pessoas do concelho, diria que existe uma diferença acentuada a população (ou especificamente os jovens) de Mértola e da Mina de S. Domingos ou não? Conseguir dar exemplos?

9. De acordo com as NUTS 2016, a câmara municipal do município investiu 718 873€ em atividades culturais e criativas. Reparei também que o maior investimento foi em museus, no valor de 203 329€, e que o restante orçamento foi investido nas artes do espetáculo, tanto na música como na construção e manutenção de material, em bibliotecas e também para apoio a entidades culturais e criativas. O meu interesse seria saber qual o valor, deste valor total dedicado ao concelho de Mértola, é dedicado somente à Mina de S. Domingos e, de que forma a Rosinda encara que as atividades culturais são recebidas em Mértola e na Mina de S. Domingos, principalmente pelos jovens.

Guião de entrevista dirigido para os jovens do concelho de Mértola, mais especificamente da Mina de S. Domingos e de Mértola

Guião de Entrevista

Olá, eu sou a Sandra Aires, e estou a desenvolver um estudo no Concelho de Mértola sobre as relações dos jovens com a cultura. Este estudo decorre no âmbito do Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação do ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa.

Neste sentido, como referi antes, é muito importante para mim poder contar com a tua colaboração, na resposta a algumas perguntas. Esta conversa não deve demorar mais do que 30 minutos.

Quero sublinhar que não existem respostas certas ou erradas. As pessoas podem ter opiniões e experiências diferentes em relação a uma determinada questão. Se a certa altura mudares de ideia e não quiseres participar neste estudo poderás fazê-lo, sem problema.

Todas as informações que partilhares serão tratadas de forma confidencial, sem qualquer possibilidade de poderes ser identificada/o, e destinam-se especificamente para o meu estudo de mestrado.

Se concordares, gostaria de ter a tua autorização para gravar a entrevista, isto para garantir que não deixo de lado nenhum dos teus contributos. Autorizas a gravação (tem de ficar gravado que sim, autoriza).

I – A cultura nas práticas e orientações dos jovens

1. Sendo este um estudo sobre as relações dos jovens com a cultura, gostava em primeiro lugar que me dissesse o que é para ti uma «pessoa culta»?

2. E a «cultura» o que é? Podes dar exemplos...? Pode-se dizer que existe uma cultura específica dos jovens, que é diferente da cultura dos adultos e das pessoas mais velhas? Como assim?

3. Tenho aqui uma lista de itens. Peço que me indiques, numa escala de 0 a 10, em que medida são importantes para melhorar a cultura de pessoas na tua idade:

Para melhorar a cultura de pessoas da tua idade, em que medida é importante...

	Nada importante											Muito importante	Costumas fazer...				
	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10		Nunca	Poucas vezes	Algumas vezes	Muitas vezes	
☐ Voltar a repetir: Para melhorar a cultura de pessoas...																	
→ Ir ao cinema																	
Praticar algum desporto																	
→ Ir ao estádio assistir a jogos ao vivo																	
Aprender música/tocar algum instrumento																	
→ Ir a concertos/festivais musicais																	
Ir a museus ou ver exposições																	
→ Requisitar livros na biblioteca																	
Ter livros em casa (sem ser os da escola)																	
→ Viajar com a família para conhecer outros lugares																	
Fazer visitas de estudo																	
→ Ir às aulas (evitar faltar)																	
Ser um bom aluno a matemática																	
Ser um bom aluno a português																	
→ Ser um bom aluno a ciências																	
Ter um curso superior																	
Ter pai e/ou mãe que têm um curso superior																	
Aprender uma profissão e começar a trabalhar antes dos 18 anos																	

4. No geral, aqui no concelho, tendo em conta as festas e atividades que existem, há alguma que achas que devia haver mais?

Não ☐ Sim ☐ Qual/quais? _____

5. Das seguintes atividades que existem aqui no concelho, diz-me, numa escala de 0 a 10, quanto gostas de cada uma.

	Não gosto nada											Gosto Muito		Costumas ir...		Com quem	
	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Não	Sim	Família	Amigos		
Festival Islâmico	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐		
Festas da Vila em Mértola	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐		
Festas da aldeia	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐		
Feira da caça	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐		
Serrão Martins	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐		
Aulas de Zumba	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐		
Canoagem	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐		
Mértola Cup	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐		
Sessões de cinema ao ar livre	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐		
Fazer workshops artísticos	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐		
Visitar exposições de arte nas galerias e museus locais	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐		
Visitar o campo arqueológico	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐		
Viagem cultural organizada pela câmara	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐		

6. Consegues dizer mais ou menos quantos livros (não escolares) tens em casa? Uma prateleira de um metro leva mais ou menos 40 livros.

Nenhum	☐
Até 10	☐
10 a 40 livros	☐
40 a 80 livros	☐
Mais de 80	☐

7. Desses livros quantos é que já leste?

8. O que que é para ti um fim de semana 5 estrelas?

	Com quem		
	Família	Amigos	Sozinho
Passar o dia no shopping	☐	☐	☐
Conhecer sítios novos	☐	☐	☐
Jogar jogos no computador/play station ou equivalente	☐	☐	☐
Ir ao cinema com amigos	☐	☐	☐
Ver séries/ filmes/ programas de televisão	☐	☐	☐
Ir a concertos ao vivo	☐	☐	☐
Jantar fora/ir ao café	☐	☐	☐
Ler um bom livro	☐	☐	☐
Jogar à bola/andar de patins/ outro desporto	☐	☐	☐
Desenhar/pintar	☐	☐	☐

Ir à pesca	☐	☐	☐
Ir acampar no meio da natureza	☐	☐	☐
Poder ver coisas que não há aqui na zona (exposições, monumentos, museus)	☐	☐	☐
outro	☐	☐	☐

6.1.E o que que seriam para ti as férias ideais?

	Com quem		
	Família	Amigos	sozinho
Fazer um intercâmbio para o estrangeiro	☐	☐	☐
Passar o verão na mina de s. Domingos	☐	☐	☐
Ir acampar	☐	☐	☐
Fazer visitas a vários pontos históricos e educativos, em Portugal	☐	☐	☐
Ter todo o tempo para poder jogar/ ver filmes/ séries...	☐	☐	☐
Ir para o Algarve para ir para a praia e parques aquáticos	☐	☐	☐
Poder sair à noite todos os dias	☐	☐	☐
Visitar um país completamente diferente de Portugal	☐	☐	☐
Ir a um festival (estilo mais comercial)	☐	☐	☐
Ir a um festival (estilo mais alternativo)	☐	☐	☐
outro	☐	☐	☐

II - Relações interpessoais do/a entrevistado/a:

Vamos, agora, passar para a segunda parte desta entrevista, na qual eu gostaria de saber um pouco sobre as tuas amizades e como essa ou essas amizades se construíram.

1. Tens alguém que consideras o teu melhor amigo?

Sim	☐
Não	☐

1.2 Como é esse teu melhor amigo?

Idade	Sexo	Freguesia (de onde é?)

1.3. Como é que se conheceram/nasceu essa amizade?

Somos colegas de turma	☐
Somos da mesma terra e, por isso, sempre fomos do mesmo grupo ao longo destes anos	☐

Ficamos amigos/as porque descobrimos que temos os mesmos gostos musicais/filmes/gostamos de ir às mesmas festas/gostamos de participar nas mesmas atividades/ etc	☐
Ele na verdade não é de cá, só o/a vejo nas férias	☐
Fazemos parte do mesmo grupo de dança/ desporto/artes visuais (atividades extracurriculares)	☐
Foi numa grande festa, demo-nos muito bem	☐
Amigo/a de amigos	☐
outro	☐

Se respondeu “outro”, Qual?

1.4. Há quantos anos são amigos?

1.5. Vou dar-te algumas opções e eu gostaria que, entre elas, tu me disseses qual ou quais estão mais relacionadas com o facto de tu gostares tanto dele/dela

Ele/ela é muito inteligente e, por isso, ajuda-me quando tenho dificuldade em fazer trabalhos para a escola	☐
Ele/ela mostra-me coisas novas que acontecem ou que existem no mundo. É bastante culto	☐
Gostamos ambos das mesmas coisas	☐
Somos muito diferentes e ele/ela ensina-me a ser mais compreensivo com os outros e com situações que são estranhas para mim	☐
Quando eu não gosto de alguma coisa ele/ela, normalmente, também não gosta	☐
É muito aventureiro e está sempre a alinhar nas cenas novas que há para fazer	☐
outro	☐

Se respondeu “outro”, Qual?

2. Há algum tipo de pessoas da tua idade com as quais é difícil te relacionares?

Sim	☐
Não	☐

2.1. Porquê? categorias discriminatórias (assinala todas as que normalmente são verdadeiras)

É porque é rapariga	☐
É porque é rapaz	☐
É porque se veste de forma foleira	☐
É porque é da Minas de S. Domingos	☐
É porque é de Mértola	☐

É porque é pobre	☐
É porque é um snob betinho	☐
É porque tem a mania que é mau	☐
É porque é burro	☐
É porque é (tem a mania que) muito inteligente	☐
Porque tem tudo o que quer	☐
Porque se arma em coitadinho	☐
Porque é gay	☐
Porque consome drogas	☐

III- Perfil sociodemográfico do/a entrevistado/a:

Agora gostaria de te fazer algumas perguntas de caracterização pessoal e familiar.

1. Que idade é que tens?
2. Sexo:
3. Onde nasceste? Se possível diz-me o distrito, por favor:
4. Onde vives neste momento, diz-me o nome da freguesia:
5. Agregado familiar:

Com quem vives?

parentesco	sexo	idade
mãe		
pai		
Irmão/ã 1		
Irmão/ã 2		
Irmão/ã 3		
Irmão/ã 4		

Avô materno		
Avó materna		
Avô paterno		
Avó paterna		
Tio/a 1		
Tio/a 2		
outro		

Se respondeu “outro”, Qual?

☐

3. Que idade têm os teus pais?

	Mãe	Pai
20-30 anos	☐	☐
30-40 anos	☐	☐
40-50 anos	☐	☐
50-65 anos	☐	☐
+ de 65 anos	☐	☐

4. Qual a condição perante a atividade económica dos teus pais?



	Mãe	Pai
Empregado a tempo completo	☐	☐
Empregado a tempo parcial	☐	☐
Desempregado	☐	☐
Doméstica/o (cuida da casa/familiares)	☐	☐
Incapacitada/o permanente para o trabalho	☐	☐
Reformado	☐	☐
Outra situação	☐	☐

Se respondeu “outra situação”, Qual?

☐

5. Qual a profissão principal dos teus pais? (atual ou última) (pedir quais as principais funções)

Explica:

	Mãe	Pai
Patrão (tem empregados)	☐	☐
Trabalha por conta própria	☐	☐
Trabalha por conta de outrem	☐	☐

5. Qual é o grau de escolaridade dos teus pais?

	Mãe	Pai
Não estudou	☐	☐
Concluiu o 1º ciclo do ensino básico (1º, 2º, 3º e 4º ano)	☐	☐
Concluiu o 2º ciclo do ensino básico (5º e 6º ano)	☐	☐
Concluiu o 3º ciclo do ensino básico (7º, 8º e 9º ano)	☐	☐
Ensino secundário (12º ano)	☐	☐
Ensino superior	☐	☐

6. E tu, estás em que ano?

7. Reprovaste algum ano?

Sim	☐
Não	☐

8. Alguma vez tiveste explicações durante o teu período escolar, até hoje?

Sim	☐
Não	☐

IV - Perfil socioeconómico do/a entrevistado/a:

Já estamos na última parte da entrevista. E, só mesmo para completar o teu perfil como jovem aqui do concelho, eu gostava que me disseses:

1. Como é que é a tua casa....

	Casa	apartamento	vivenda
T1	☐	☐	☐
T2	☐	☐	☐
T3	☐	☐	☐
T4	☐	☐	☐

T5	☐	☐	☐
T6	☐	☐	☐

1.2. Tens um quarto só para ti?

2. Tens algum part-time?

2.1. Se sim, o que fazes?

3. Recebes mesada ou semanada?

1. Quanto é que recebes?

5-10€	☐
10-20€	☐
20-50€	☐
+ de 50€	☐



2. Em que que costumavas ou mais gostas de gastar esse dinheiro?

Gosto de guardar	☐
Em jogos de playstation	☐
Em compras, gosto de ter roupa e sapatos novos	☐
Quero muito ir a um festival	☐
Quando posso adoro ir a concertos ao vivo	☐
Gosto de ir sair para uma festa e ir jantar fora com amigos e gosto de gastar o dinheiro nisso	☐
Quero muito viajar para fora de Portugal	☐
Adoro comprar livros	☐
Para ir ao cinema	☐
Quero ir à viagem proposta pela câmara (Uma viagem diferente todos os anos, em Outubro , a uma cidade europeia, proposta pela Câmara de Mértola a todos os jovens do concelho)	☐
Gostava muito de fazer um workshop de artesanato com a professora Nádia	☐
Outro	☐

Se respondeu “outro”, Qual?

Chegamos ao fim, muito obrigada pela tua participação!

Grelhas de análise das entrevistas realizadas aos jovens

Grelha 1 – A cultura nas práticas e orientações dos jovens

ENTREVISTADOS	Propriedades da pessoa culta	Conceito de cultura
1 David Fidalgo Mina	Alguém que sabe várias coisas/ sabe um pouco sobre tudo	Há uma cultura específica para cada lugar/existe uma diferença entre a cultura dos jovens para a cultura dos idosos porque tem formas de pensar diferentes e, por isso, as atividades que cada um exerce é diferente
2 Joana Costa Mértola	Alguém que sabe várias coisas/ sabe um pouco sobre tudo	Há uma cultura para cada país, para cada lugar/ há uma diferença entre a cultura dos jovens e dos idosos porque os hábitos de cada um são diferentes
3 Lara Vitor Mértola	Alguém que sabe muita coisa sobre vários assuntos	Existem uma diferença entre a cultura dos jovens e dos idosos porque tem idades diferentes e, por essa razão, os gostos e a forma de olhar as coisas é diferente
4 Lara Matias Mina	Alguém que tenha um conhecimento histórico e cultural de determinado local	
5 Maria Inês Mértola	Alguém que faz e sabe várias coisas sobre vários assuntos (muita dificuldade em responder)	Cada lugar tem uma cultura específica. O conte alentejano e a comida alentejana fazem parte da cultura do Alentejo. (teve muita dificuldade em responder)
6 Pedro Bajiça Mértola	Alguém que sabe muitas coisas sobre vários assuntos	Relacionou o conceito de cultura a um conceito histórico. A cultura tem haver com saber
7 Tiago Martins Mina	Alguém que sabe <u>muit</u> coisa sobre <u>vários</u> assuntos, alguém que se informa	A cultura está relacionada com o espaço. Cada região tem uma cultura diferente e não há distinção entre a cultura dos jovens e dos idosos. A cultura é a mesma
8 Tomás Mestre Mértola	<u>Algué</u> que sabe um pouco de tudo/ tem muita cultura geral	A <u>cultura</u> é específica de cada lugar e <u>exste</u> uma diferença entre a cultura dos jovens e dos idosos porque as idades são diferentes e as experiências também

Grelha 2 - A cultura nas práticas e orientações dos jovens - percepção da importância das práticas culturais na vida dos jovens

Percepção da importância das práticas de 0 a 10/ frequência das mesmas práticas ENTREVISTADOS	Ir ao cinema	Praticar desporto	Ir ao estádio assistir a jogos ao vivo	Aprender música/ tocar algum instrumento	Ir a concertos ao vivo/festivais	Ir a museus/exposições	Requisitar livros	Ter livros em casa (se não ser da escola)	Viajar com a família para conhecer outros lugares	Fazer visitas de estudo	Ir às aulas (evitar faltar)	Ser um bom aluno a matemática	Ser um bom aluno a português	Ser um bom aluno a ciência	Ter um curso superior	Ter um pai ou uma mãe que tem um curso superior	Aprender uma profissão e começar a trabalhar antes dos 18 anos
1 David Fidalgo	6/ poucas vezes	5/ algumas vezes	5/ nunca	7/ nunca	6/ nunca	9/ algumas vezes	7/ algumas vezes	8	8/ poucas vezes	9/ muitas vezes	9/ poucas vezes	8	8	9	9	8	8
2 Joana costa	7/ poucas vezes	9/ algumas vezes	6/ nunca	6/ nunca	7/ algumas vezes	8/ algumas vezes (âmbito escolar)	8/ algumas vezes	8	9/ algumas vezes	8/muitas vezes	9/ muitas vezes	7	7	8	7	6	6
3 Lara vitor	5/ poucas vezes	0/ nunca	5/ algumas vezes e frisou que são jogos no concelho	0/ nunca	10/ algumas vezes	10/ algumas vezes	10/ nunca	10	10/ algumas vezes	10/ muitas vezes	10/ muitas vezes	10	10	10	10	10	10
4 Lara Matias	7/alguma vez	6/ poucas vezes	2/ poucas vezes	5/ poucas vezes	7/ algumas vezes	8/ muitas vezes	7/ poucas vezes	7	8/ algumas vezes	10/ algumas vezes	10/ muitas vezes	6	8	8	10	8	10
5 Maria Inês	8/ algumas vezes	9/ muitas vezes	7/ nunca	6/ não toca nenhum instrumento	8/ algumas vezes	9/ poucas vezes	8/ nunca	8	9/ algumas vezes	8/ muitas vezes	10/ muitas vezes	9	9	9	9	9	7
6 Pedro Bajiça	7/ algumas vezes	0/nunca	4/só foi 1 vez	8/muitas vezes	2/nunca	10/em âmbito escolar	9/poucas vezes	10	10/alguma vez	9/muitas vezes	9/muitas vezes	8	9	9	9	8	4
7 Tiago Martins	5/não vai	6/ algumas vezes	1/ não toca	8/ agora não toca mas já tocou guitarra	5/nunca	9/ algumas vezes	4/nunca	4	9/ poucas vezes	9/ muitas vezes	8/muitas vezes	2	8	6	8	8	6
8 Tomás Mestre	7/ algumas vezes	8/alguma vez	5/ poucas vezes	8/ toca um pouco de guitarra	5/algumas vezes	9/ âmbito escolar	9/ algumas vezes	9	8/ muitas vezes	7/ muitas vezes	10/ muitas vezes	9	9	10	10	9	8

Grelha 3 - a cultura nas práticas e orientações dos jovens – percepção, por parte dos jovens, das práticas culturais do concelho

ENTREVISTADOS	Percepção da cultura/atividades culturais do concelho
1	Gostava que existisse um festival no concelho e que a feira da caça houvesse mais vezes
2	Gostava que houvesse mais cinema gostava que houvesse mais concertos e outras atividades para jovens
3	Gostava que existissem outras festas mais variadas e mais bailes
4	Gostava que o houvesse mais vezes o festival islâmico e que existisse outro festival na Mina de S. Domingos
5	Gostava que houvesse uma escola de teatro
6	Gostava que houvesse mais visitas de estudo para conhecer novos sítios
7	Gostava que houvesse uma maior variedade de desporto
8	Não sente falta de nada

Grelha 4 – a cultura nas práticas e orientações dos jovens – apreciação dos jovens pelas práticas culturais dos jovens

Apreciação das práticas culturais do concelho (de 0 a 10)/assiduidade e companhia ENTREVISTADOS	Festival islâmico	Festas da vila de Mértola	Festas da aldeia	Feira da caça	Serrão Martins	Aulas de zumba	Canoagem	Mértola cup	Cessões cinema ao ar livre	Fazer workshops artísticos	Visitar exposições de arte nas galerias e museus locais	Visitar o campo arqueológico	Viagem cultural organizada pela câmara
1	8/ vai com amigos	10/ vai com amigos	9/ vai com amigos	10/ vai com amigos	7/ vai com amigos	0/ não vai	8/ faz com amigos	7/ vai com amigos	6/ vai com amigos e família	4/ fez só em âmbito escolar	6/ vai em âmbito escolar	6/ vai em âmbito escolar e com amigos	8/ nunca foi
2	8/ amigos e família	7/ família e amigos	4/ não costuma ir	7/ família e amigos	6/ amigos	4/ não vai	8/ faz em âmbito escolar e com família		7/ não costuma ir	4/ não faz	7/	6/ só em âmbito escolar	8/ nunca foi mas gostava de ir
3	10/ família e amigos	10/ família e amigos	10/ vai só as vezes	8/ família e amigos	3/ amigos	0/ não faz	4/ só em âmbito escolar	0/ não vai	0/ não vai	3/ não faz		3/ só vai em âmbito escolar	5/ não gostava de ir
4	9/ família e amigos	10/ família	9/ família e amigos	10/ família e amigos	7/ família	7/ não faz porque só há em Mértola	6/ faz em âmbito escolar	5/ não vai	9/ família e amigos	5/ não faz	9/ amigos	9/ vai em âmbito escolar	10/ nunca foi mas gostava de ir
5	9/ família e amigos	9/ amigos	7/ não vai	8/ amigos	8/ amigos	9/ amigos	7/ amigos		6/ não vai	7/ não faz	6/ só em âmbito escolar		8/ nunca foi mas gostava de ir
6	10/ família	8/ família e amigos	5/ vai só a uma festa que é da aldeia de onde vem a mãe	10/ família	6/ família	3/ não vai	0/ só fez em âmbito escolar	0/ não vai	4/ foi 1 vez só	9/ faz teatro às vezes	7/ vai algumas vezes	10/ vai com a família e inscreveu-se este ano para fazer escavações lá	9/ nunca foi mas gostava de ir
7	10/ amigos	9/ amigos	7/ amigos e família	8/ amigos	6/ não costuma ir agora	0/ não vai	10/ amigos e pela escola	6/ amigos	8/ amigos	6/ nunca faz	8/ âmbito de aulas e amigos	6/ âmbito de aulas	9/ nunca foi mas gostava de ir
8	10/ família e amigos	8/ amigos	9/ família e amigos	7/ amigos	7/ família e amigos	0/ não vai	7/ fazia mas já não faz	0/ não vai	8/ não vai	4/ não faz	6/ âmbito escolar	4/ em âmbito escolar	7/ nunca foi mas gostava de ir

Grelha 5 - A cultura nas práticas e orientações dos jovens - práticas e gosto pela leitura

ENTREVISTADOS	Relação entre quantidade de livros em casa/quantidade desses livros que já leu
1	Tem entre 10-40 livros em casa e não leu nenhum
2	Tem mais de 80 livros (muitos, muitos livros) e já uns 20 livros
3	Tem até 10 livros em casa e não leu nenhum
4	Tem entre 10-40 livros em casa e leu cerca de 7 desses livros
5	Tem entre 10-40 livros e leu cerca de 10 desses livros (frisou que não gosta de ler)
6	Mais de 80. Gosta muito de ler e já leu a volta de 30 desses livros
7	Tem entre 10-40 livros em casa e desses já leu a volta de 20 livros
8	Tem mais de 80 livros em casa. Desses livros já leu 30

Grelha 6 - a cultura nas práticas e orientações dos jovens – Perspetivas de fim de semana 5*

Fim de semana 5* / com quem ENTREVISTADOS	Passar o dia no shopping	Conhecer sítios novos	Jogar jogos de computador/playstation ou equivalente	Ir ao cinema com amigos	Ver séries/filmes/programas de televisão	Ir a concertos ao vivo	Jantar fora/ir ao café	Ler um bom livro	Jogar à bola/andar de patins/outro desporto	Desenhar/pintar	Ir a pesca	Ir acampar no meio da natureza	Poder ver coisas que não há aqui na zona (exposições, monumentos, museus)	
1	Não	Sim/ família e amigos	Sim/ amigos ou sozinho	Sim/ com amigos	Sim/ sozinho	Sim/ amigos e família	Já é habitual	Não	Não	Não	Não	Sim/ com amigos	Sim/ com família ou amigos	
2	Sim/família	Sim/ família	Não	Sim/ amigos e família	Sim/ sozinha ou com família	Sim/ amigos ou família	Sim/ família	Sim	Sim/ amigos	Não	Não	Sim/ amigos	Sim/ com família e amigos	
3	Sim/ família e amigos	Sim/ família e amigos	Não	Sim/ amigos e família	Sim/ sozinho	Sim/ família e amigos	Sim/ amigos	Não	Não	Não	Não	Sim/ amigos família	não	
4	Sim/ família e amigos	Não	Não	Sim/ amigos	Não	Sim/ família e amigos	Sim/ amigos	Não	Sim/ amigos	Não	Não	Sim/ amigos	não	
5	Sim/ família e amigos	Sim/família	Não	Sim/ família e amigos	Sim	Sim/ amigos	Sim/ amigos	Não	Sim/amigos	Não	Não	Sim/ amigos e família	Sim/ família e amigos	
6	Sim/ família	Sim/família	Não		Não	Sim/família e amigos	Não	Sim		Sim/ sozinho	Não	Sim/ família	Sim/ família	Frisou que gostava muito de ir a hotéis para relaxar
7	Não	Sim/ família e amigos	Sim/ sozinho	Sim/amigos	Não	Sim/ amigos e família	Não	Não	Sim/ amigos e sozinho	Não	Sim/ amigos família e sozinho	Sim/amigos	Sim/amigos	
8	Não	Sim/ família	Sim/ sozinho	Sim/ amigos e família	Sim/ sozinho	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Sim/ família amigos	

Grelha 7 - A cultura nas práticas e orientações dos jovens – Perspetivas para as férias ideais

As férias ideais/ com quem ENTREVISTADOS	Fazer um intercâmbio para o estrangeiro	Passar o verão na Mina de S. Domingos/Mértola	Ir acampar	Fazer visitas a vários pontos históricos e educativos em Portugal	Ter todo o tempo do mundo para jogar/ ver filmes/séries...	Ir para o Algarve para ir para a praia e parques aquáticos	Poder sair à noite todos os dias	Visitar um país completamente diferente de Portugal	Ir a um festival estilo mais comercial	Ir a um festival estilo mais alternativo	outro
1	Sim/ com amigos ou família	Sim/ amigos e família	Sim/ amigos e família	Sim/ amigos e família	Sim/ amigos	Não	Sim/ amigos	Sim/ amigos ou família	Sim/ amigos ou família	Não	
2	Não	Não o verão todo	Sim/amigos	Sim/família	Sim/ sozinha	Sim/ família e amigos	Sim/ amigos	Sim/ família	Sim/amigos	Não	
3	Sim/ amigos	Sim na mina de s. Domingos	Sim/ amigos	Não	Sim/ sozinha	Sim/ amigos e família	Sim/ amigos	Sim/ família e amigos	Sim/ amigos	Não	
4	Não	Sim na mina de s. Domingos	Sim/ amigos	Sim/ família	Não	Sim/ amigos e família	Sim/ amigos	Sim/ família	Sim/ amigos	não	
5	Sim/ amigos	Sim, em Mértola	Sim/ amigos	Sim/ família	Sim/ sozinha e amigos	Sim/ família e amigos	Não	Sim/ amigos e família	Sim/ amigos e família	Sim/ amigos e família	
6	Não	Não	Sim/ família	Sim/ família	Sim/ só praia	Sim/ só praia	Não	Não	Não	Não	Ver filmes do Harry Potter todos os dias
7	Sim/ amigos e família	Sim/ na mina com todos	Sim/amigos	Sim/amigos	Não	Sim/ amigos	Sim/ amigos	Sim/ família e amigos	Sim/ amigos	Sim/ amigos	
8	Sim/ sozinho e gostava de voltar ao Canadá	Não. Acha que é um bocadinho aborrecido, apesar de ter alguma oferta, tem pouca gente e movimento.	Não	Sim/ família	Não	Não	Sim/ amigos	Sim/ família e amigos	Sim/ amigos	Não	Frisou que adorou sair de Portugal para visitar outro país

Grelha 8 - Descrição do melhor amigo

Melhor amigo ENTREVISTADOS	Idade, sexo, localidade	Como se conheceram	Há quantos anos são amigos	O que que mais aprecia no/na melhor amigo/a
1	15 anos, feminino, Moreanes	São colegas de turma e foi nas tardes livres depois das aulas (convívio)	8 anos	Considera-a culta, ela mostra-lhe coisas novas, é muito aventureira, transmite-lhe muita confiança
2	16 anos, feminino, Fernandes	São colegas de turma gostam das mesmas atividades/ festas/ músicas	5 anos	Ajuda-a com atividades da escola, considera-a bastante inteligente e culta, gostam ambas das mesmas coisas e ela ajuda-a a compreender situações estranhas e é muito aventureira. Transmite-lhe muita confiança.
3	17 anos, masculino, <u>Bonção</u>	São namorados/ conheceram-se na escola	10 meses	Tem os mesmos gostos e ele ajuda-a a compreender situações estranhas. É a pessoa que lhe transmite mais confiança.
4	14 anos, feminino, Mina de S. Domingos	São da mesma localidade e por isso sempre foram próximas	10 anos	É muito aventureira e alinha sempre nas coisas novas que há para fazer. Considera-a de confiança e fazem tudo juntas
5	14 anos, feminino, Mértola	São da mesma localidade e por isso foram sempre próximas. Gostam das mesmas coisas. Fazem parte do mesmo grupo extracurricular.	6 anos	Ela é muito inteligente e ajuda-me nas minhas dificuldades. Gostam ambas das mesmas coisas. É muito aventureira.
6	12 anos, feminino, Mértola	são amigos há muitos anos e como sempre foram da mesma turma e da mesma terra essa afinidade foi-se desenvolvendo	10 anos	Gostam ambos das mesmas coisas. Diz que ela é muito engraçada, aprecia o humor dela.
7	14 anos, masculino, Fernandes	Tem os mesmos gostos e por isso aproximaram-se bastante.	4 anos	O amigo ajuda-o a compreender as situações diferentes, considera o amigo muito aventureiro e estão sempre juntos
8	15 anos, masculino, Varjas	Gostam das mesmas coisas e ganharam empatia porque são da mesma turma	5 anos	Gostam ambos das mesmas coisas e considera-o muito aventureiro.

Grelha 9 - Descrição da pessoa ou grupo com quem menos se identifica

Razões para se identificar menos com alguém ENTREVISTADOS	Porque é rapaz	Porque é rapariga	Porque se veste de forma foleira	Porque é da mina de S. Domingos	Porque é de Mértola	Porque é pobre	Porque é um snob betinho	Porque tem a mania que é mau	Porque é burro	Porque é (tem a mania) que é muito inteligente	Porque tem tudo o que quer	Porque se arma em coitadinho	Porque é gay	Porque consome drogas	Porque acha que é melhor que os outros	Porque é inculto	Porque só conhece aqui esta zona, nunca conheceu mais nada	outro
1	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Mais ou menos	Sim	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Sim	Sim	não	
2	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Sim	Não	não	Não se identifica
																		porque acha que os estilos e interesses são diferentes
3	Não	Sim	Não	Não	Não	Não	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Não	Não	Não	Não	
4	Não	Não	Não	Não	Sim	Não	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	Não	Não	Não	Sim	Não	Não	
5	Não	Sim	Não	Não	Não	Não	Não	Sim	Não	Sim	Não	Não	Não	Não	Sim	Não	Não	
6	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Sim	Não	Sim (muito!)	Não	Não	Não	Não	Não	Frisou que ela é má para as outras pessoas. É muito conflituosa
7																		
8	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Sim	Sim	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Crítica a forma como esse grupo atua, rufas que grafitam as paredes e têm a mania

Grela 10 – Descrição do entrevistado

ENTREVISTADOS	Idade, sexo, local de nascimento	local onde reside, com quem reside	Ano de escolaridade	Reprovou algum ano (sim/não)	Teve explicações durante o período escolar até agora (sim/não)
1	15 anos, masculino, Beja	Mina de S. Domingos, mãe e pai	10º ano	sim	não
2	16 anos, feminino, Beja	Mértola, mãe e pai	11º	Não	não
3	14 anos, feminino, Beja	Mértola, mãe e pai	8º ano	sim	sim
4	15 anos, feminino, Beja	Mina de S. Domingos, mãe pai, irmã e irmão	10º ano	Não	Não
5	14 anos, feminino, Lisboa	Mértola, mãe e irmão	8º ano	Não	Não
6	12 anos, masculino, Beja	Mértola, mãe pai	7º ano	Não	Não
7	15 anos, masculino, Beja	Mina de s. domingos, mãe, pai e irmão	8ºano	Sim	Não
8	15 anos, masculino, Beja	S. João dos caldeiros/ Mértola, mãe, pai e irmã	10ºano	Não	sim

Grelha 11 – Descrição dos pais

Pais (Mãe/Pai) ENTREVISTADOS	Idade	Condição perante vida económica	Profissão	Função principal no trabalho	Grau de escolaridade
1	54/61	Reformada e doméstica/incapacitado e reformado			Concluiu o 6º ano/ concluiu o 8º ano
2	52/54	Doméstica/ empregado a tempo parcial	Pai trabalha por conta de outrem	Pai vende vinhos	Ensino superior/ 11º ano
3	43/50	Empregada a tempo completo/ empregada a tempo completo	Trabalha por conta de outrem/ trabalha por conta de outrem	Trabalha na câmara/ GNR	Concluiu o 12º ano/ concluiu o 7º ano
4	39/42 e a irmã tem 22 anos e o irmão 8	Empregada a tempo completo/ empregado a tempo completo	Trabalha por conta de outrem/ trabalha por conta de outrem	Limpezas/ mineiro	Concluiu o 6º ano/ concluiu o 9º ano
5	38/38 e o irmão tem 7 anos	Empregada a tempo parcial/ empregado a tempo parcial	Trabalha por conta de outrem /trabalha por conta de outrem	Animadora sociocultural/ motorista	Concluiu o 12º ano/ 9º ano
6	50/49	Empregada a tempo completo/empregado a tempo completo	Patroa/ patrão	Gerem uma funerária	Concluiu o 12º/ concluiu 6º ano
7	45/ 46 e o irmão tem 9 anos	Empregada a tempo completo/ empregado a tempo parcial	Trabalha por conta própria/ trabalha por conta própria	Gere a sua própria loja/ trabalha na lenha e outros serviços	Acabou o 12º ano/ acabou o 8º ano
8	43/45 e a irmã tem 5 anos	Empregada a tempo completo/ empregado a tempo completo	Trabalha por conta de outrem/ trabalha por conta de outrem	Professora de jardim de infância/ gestor financeiro	São ambos licenciados

Grelha 12 – Perfil socioeconómico do entrevistado

ENTREVISTADOS	Tipo de habitação	Tem um quarto só para si (sim/não)	Tem part-time(sim/não) /qual	Mesada (sim/não) /quanto
1	Casa T5	Sim	Sim/ trabalha num café	Mesada/ mais de 50€
2	Casa T6	Sim	Não	não
3	Casa T2	Sim	Não	Não
4	Casa T3	Não	Não	Semanada / 5-10€
5	Apartamento T1	Sim	Não	Não
6	Casa T4	Sim	Não	Não
7	Vivenda T3	Não	Sim (ajuda na loja da mãe)	Mesada +50€
8	Casa T3	Sim	Não	Não

Grelha 13 – Relação do jovem com a sua mesada – principais usos/gastos

Principal gestão da mesada ENTREVISTADOS	Guardar	Jogos de playstation	Em compras (roupa/sapatos...)	Para ir a um festival	Para ir a concertos ao vivo	Ir a festas/jantar fora	Para viajar para fora de Portugal	Para livros	Para ir ao cinema	Para ir a viagem cultural proposta pela câmara	Para fazer um workshop artístico	outro
1	Não	Não	Sim	Não	Não	Sim	Não	Não	Não	Não	Não	-----
2	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----
3	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----
4	Não	Não	Sim	Não	Sim	Não	Não	Não	Sim	Não	Não	Frisou que gosta de gastar a sua semana em roupa nova ou num telemóvel novo
5	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----
6	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----
7	Sim	Não	Sim	Sim	Não	Sim	Não	Não	Não	Não	Não	Gosta de guardar para comprar coisas maiores, como já fez com a bicicleta que tem
8	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----

Grelhas de análise das entrevistas realizadas à Vereadora da Cultura e ao Diretor do Departamento da Juventude do município de Mértola

Grelha 1 - Percurso académico e profissional dos entrevistados

ENTREVISTADOS	Grau académico mais elevado que obteve / área	Descrição da profissão atual e as suas principais funções	Há quantos anos exerce este cargo e há quantos anos exerce este cargo em Mértola	Já tinha exercido o cargo noutra local?	Está afiliado a algum partido político
Rosinda	Licenciatura em sociologia	Executiva na camara municipal (cargo com muita responsabilidade) tem um cargo onde aplica um conjunto de possibilidades de intervenção. Cargo de gestão, liderança, criação. Gestão da cultura, desporto e turismo, áreas administrativas e por inerência também acompanha a área de economia. Atuação em equipa	Exerce este cargo há dois anos e a primeira vez foi em Mértola	Não	Não
Manuel	Tem uma pós graduação em economia rural e desenvolvimento local	Cargo de dirigente que abarca muitas áreas que serve para redescobrir muitas funções. Gerir uma divisão ligadas a áreas do desporto, património e cultura. Gerir os recursos e fazer alguma programação juntamente com o executivo.	Cargo de direção há cerca de 18 anos e sempre foi no concelho de Mértola. Mas é funcionário da autarquia há 30 anos	Não	Não

Grelha 2 – Caracterização dos jovens do concelho de Mértola

ENTREVISTADOS	Caracterização dos jovens de Mértola e referência a algum(ns) ponto/s de distinção entre estes jovens e outros jovens que não vivam em regiões periféricas	Os jovens do concelho de Mértola são um grupo homogéneo? Pontos que justifiquem a resposta	Existem diferenças entre os jovens de Mértola e os da Mina de S. Domingos? Pontos que justifiquem a resposta	Ideias base sobre a desconexão entre ambas as localidades	Quais são os desafios colocados a esse nível? Especificamente nas práticas culturais
Rosinda				A mina de S. Domingos tem uma identidade territorial muito forte, muito mais forte que a de Mértola. As pessoas da Mina de S. Domingos nunca dizem que são de Mértola, especificam sempre que são da Mina de S. Domingos e esta identidade deriva de uma unidade de grupo e deve-se a uma união que se desenvolveu ao	

				longo de vários anos e tem uma forte ligação à história sobre a exploração mineira, que as pessoas foram exploradas e excomungadas por pessoas de fora. Esta questão tem se vindo a diluir porque as gerações mais jovens já se começam a interrelacionar. Há um sentimento de desconfiança associado ao povo da Mina. Unidos na desgraça. Dentro do grupo pode haver muita desavença, mas para o exterior, estão sempre unidos. Os de Mértola olham para o concelho diferenciando os grupos entre os de Mértola, os dos montem e os da Mina. Existe esta distinção. Na verdade, é fundamental que a	
				escola também introduza uma formação de públicos porque isto, mais uma vez, incentiva a sensibilidade de cada um.	
Manuel	“Estes jovens fazem todo um percurso (ahmm) muito assente ainda na tradição, quer queiramos quer não. São jovens que acabam por repetir tudo aquilo que os adultos fazem, ou seja, para o bem e para o mal e isso, por um lado, é ótimo porque mantém esta identidade brutal, por outro lado os próprios vícios dos adultos também (ahm) são passados de geração em geração e é isso que agente também tem dificuldades em quebrar. (...) e depois também é complicado porque, se por um lado, agente vê esse	“Sim, acaba por ser não é. É um grupo que, enfim, é muito ruralizado, muito ligado à terra, àquilo que são as tradições (ahm), provavelmente não há muito locais onde se mantenham a fazer bailes com uma frequência bastante grande não é. Seja os finalistas, seja quem for (...) e são grandemente homogêneo, pãh, pode haver um ou outro que se destaque, que enfim, é mais urbano, desse ponto de vista mas atenção que esta palavra “urbano” tem aqui conotações que é preciso esclarecer-se	“Há aspetos que provavelmente, que são ligeiramente diferentes. No global diria que são muito homogêneos. Há particularidades que tem um pouco a ver com a história, com as vivências, com a família, com todo aquele processo de despovoamento que a Mina sofreu e que criou uma mágoa que passa de geração em geração e aí nota-se, nota-se um bocadinho alguma diferença. Mas no geral não penso que seja assim, aliás, fala-se muito mais disso do que depois se	Tem haver com o processo do encerramento da Mina e isso segregou esses conflitos porque muitas pessoas da Mina de foram obrigadas a emigrar por falta de emprego. Há um grande enraizamento à terra por parte das pessoas da Mina de s. Domingos. Uma grande identidade territorial. No entanto os seios familiares são muito parecidos e esta rivalidade tem vindo a desvanecer se um pouco grandemente pelo decréscimo dos jovens. O Manuel vê esta rivalidade como	É difícil. Fazer programação, por exemplo, é uma coisa muito complexa. Formar públicos é muito difícil porque também estamos perante uma sociedade que tem um acesso muito rápido a várias coisas através da internet. Queremos criar coisas novas e isso é muito difícil porque s tendências da internet mudam um pouco o foco e o interesse do público e destes jovens. É preciso que eles saibam decodificar, mas não lhes são dadas as ferramentas para isto, a escola não os educa

	tipo de abordagens pelos jovens ao álcool ou ao tabaco que acaba por ser nefasto para a saúde, por outro lado também é um momento de sociabilidade (...)”	talvez mais à frente na nossa conversa não é. Porque Mértola sendo muito rural, é muito urbana... em determinado aspeto. Sobretudo a vila. (...) os outros locais... enfim, têm os problemas que têm ainda, se nos estamos no interior e falamos de Mértola, Mértola está interiorizada, muito mais interiorizados estão os montes não é, as aldeias. Ou seja, ainda aí existe uma diferença entre aqueles que vivem na via e os outros e isso é visível... até nas aprendizagens, nos comportamentos. (...)”	evidencia. Não há assim tantas evidências, julgo eu, não é. (...) Não me parece que o temperamento dos jovens seja muito diferente, (ah) um bocadinho mais rebeldia em determinados aspetos (Sandra: da parte de quem?) da parte dos da Mina, sobretudo porque enfim, provavelmente assiste-lhes essa faculdade pelo facto de terem sido... e de ouvirem os familiares dizer que foram massacrados por todo o processo de desemprego, de sair de uma localidade que gostavam e, enfim, esse tipo de passagem de testemunho acaba depois por agravar-se sobretudo nas segundas e terceiras gerações que se vêm um bocadinho separados dessa, dessa, dessa, ligação e a tomam de uma forma diferente e aí, às vezes, há um bocadinho essa revolta mas não me parece que seja preocupante (...)”	uma rivalidade saudável. O investimento na praia fluvial da mina de S. Domingos é um exemplo de que queremos aproveitar todos os locais sem dar primazia a uns em detrimento dos outros. Não há mágoa e queremos que exista um equilíbrio.	neste sentido mais vasto da cultura. A escola tem um papel a desempenhar, que não desempenha.
--	--	--	--	---	--

Grelha 3 - Relação dos jovens do concelho com as práticas culturais existentes

ENTREVISTADOS	O decréscimo dos jovens condiciona a aposta em atividades culturais? Pontos que justifiquem a resposta	Quem são os agentes que devem ser mobilizados? Em relação à grelha anterior	Existe alguma atividade cultural que os jovens apreciem mais? Razões que expliquem a resposta	Aquando da preparação das atividades culturais, existe uma preocupação em relação às diferenças dos jovens do concelho? Pontos que justifiquem a resposta	As atividades culturais existentes são suficientes para satisfazer as vontades enquanto pessoas numa fase de vida dedicada à descoberta, abertura a novos estímulos e descoberta? Pontos que justifiquem a resposta	Em que medida é o contanto entre os jovens e as práticas culturais incentiva a compreensão e a relação saudável entre eles. Pontos que justifiquem a resposta
Rosinda	É um desafio. A principal questão é, se fazemos cultura para números (a partir de que número vale a pena fazer?) a questão é se fazemos para públicos diferenciados ou para a comunidade? Isto implica fazer uma atividade para a comunidade porque se pensarmos num público em específico a adesão vai ser muito mais reduzida e prejudicial. O desafio é encontrar iniciativas que possam abranger muitos públicos e perceber que em locais de baixa densidade não podem pautar as dúvidas pelo número de pessoas porque esse retorno é muito difícil de alcançar.	Toda a comunidade. Prova disso é que as atividades com mais audiência é sempre quando a própria comunidade faz parte da organização.	Os jovens gostam muito dos bailes. Porque é uma tradição e é um ponto de encontro, independentemente dos gostos pessoais dos jovens. E concertos. Atividades culturais mais alternativas também tem uma certa adesão, mas na verdade as atividades nunca são dirigidas apenas a jovens.	A oferta tenta ser o mais diversa possível quer de teatro, cinema, música. Independente das idades e gostos. Tentam apostar em coisas novas, em coisas que as pessoas talvez não fossem ver (formação de público) há um equilíbrio entre aquilo que as pessoas claramente iriam ver e aquilo que é novo e arriscado. Falou sempre na generalidade das idades (sem especificar jovens) o que me faz entender que a oferta é muito geral assim como nunca mencionou a diferença entre os jovens, que me faz perceber que os jovens do concelho são realmente muito homogéneos e parecidos.		É fundamental. Porque a cultura tem sido um pouco negligenciada nesse nível, mas ela é fundamental na formação das pessoas. No sentido de perceberem as diferenças, incentivar a sensibilidade, a compreensão pelo sentido estético. É a formação de algo que é menos técnico e cognitivo para algo que é mais sensorial. Muito dos problemas que vemos hoje decorrem desse não contato com expressões corporais e sensoriais. A pessoa que é exposta a diferentes expressões corporais enriquece e ganha ferramentas mais ricas para trabalhar e compreender a vida. Não podemos levar os miúdos só

						ao jardim zoológico, mas também a teatros, galerias.
Manuel	Condiciona. Trazer um artista muito caro para ter meia dúzia de jovens a assistir é muito complicado financeiramente. Claro que a cultura devia ser para todos, mas a verdade é que não podemos falar para números porque senão não fariamos nada. Temos de olhar mais para aquilo que as pessoas aderem, apesar de queremos sempre introduzir coisas novas		Não há nenhuma área que gostem mais, diz numa primeira instância. Referiu que gostam imenso do desporto. O Manuel pensou mais nas atividades culturais mais lúdicas. Depende muito da temática.	Já tivemos várias estratégias. Houve uma altura em que distribuíamos agendas em que no final colocavam uma parte em que as pessoas podiam deixar propostas. Mas é preciso sublinhar que os jovens aderem pouco, no geral, à cultura do concelho. Os jovens são pouco participativos, é preciso trabalhar muito na questão da criatividade. Quando os jovens são confrontados com questões, eles não são capazes de apresentar soluções.	Suficientes nunca são. Querem desenvolver uma maior aposta num outro tipo de atividades culturais talvez mais voltadas para o mundo mais artístico. No sentido de introduzir estímulos novos e possibilidades e modalidades para que se possam desenvolver melhor e enriquecer mais a nível humano para o seu próprio futuro.	Isto tem muito a ver com dinâmica de grupo. Se eles tiverem projetos, se lhes for dada a oportunidade de eles colaborarem, eles próprios, no projeto. Aqui o Manuel fugiu um pouco à questão, mas creio que o centro da resposta dele é que a sensibilidade destes jovens é mais apurada quando eles próprios estão envolvidos. Manuel refere ainda como muitos jovens do concelho foram bem-sucedidos “la fora”. Ou seja, não aplicam as ferramentas no concelho, mas mais tarde na vida tem
						uma capacidade de desenrasque fortíssima. Ou seja, tem as competências, mas apenas as “mostram” mais tarde. Ou seja, como até estão expostos a vários estímulos diferentes, isso abre-lhes muitas portas para o futuro.

Perguntas e respostas direcionadas apenas para a Vereadora da Cultura

Grelha 1 - plano municipal da Cultura do município de Mértola

ENTREVISTADOS	Movimento associativo aquando das práticas culturais no concelho e quais os fatores que favorecem essa situação	Existe alguma freguesia que se destaque no apoio a essas iniciativas? Pontos que justifiquem a resposta	Principais características das entidades envolvidas	Existe um equilíbrio entre a ajuda do privado e do público? Pontos que justifiquem a resposta	Descrição das atividades que existem no concelho. Enquadramento do “tradicional” nesta situação. Pontos que justifiquem a resposta	Diferenças entre Mértola e a Mina de S. Domingos que possam condicionar as práticas culturais. Pontos que justifiquem a resposta
Rosinda	Há diferentes níveis de programação cultural. Um é feto a nível das associações, sendo que existe um apoio por parte do município naquilo que é a programação dessas associações. E depois há a programação do próprio município que solicita alguma parceria de algumas entidades locais. É uma programação associativa	Mértola como sede do concelho e em seguida a Mina de S. Domingos não só pela densidade populacional, mas também pela herança cultural do lugar ligado à exploração mineira e a proximidade do local ao cinema e teatro que sempre se desenvolveram lá. Pontos: densidade populacional; é preciso haver abertura por parte da população e colaboração por parte de entidades locais.	Voluntários, câmara municipal ou juntas de freguesia são os principais agentes ligados às atividades culturais do concelho.	Não. São necessários meios logísticos financeiros e humanos. Muitas das atividades são desenvolvidas com voluntários e a câmara municipal é o principal agente agregado a estas atividades. Existem apoios muito reduzidos e por isso as iniciativas são muitas vezes de cariz mais popular e tradicional que requer menos recursos financeiros e menos logística. Nesse sentido, a câmara municipal oferece uma programação	A grande maioria das festas são de cariz popular precisamente devido às razões apontadas na parcela anterior. São assim as festas populares romarias, jogos de lazer que tem uma raiz tradicional muito forte que já são realizados há anos (os movimentos religiosos como a missa também) e o tipo de público é maioritariamente sénior e júnior, no entanto é muito transversal, principalmente nas aldeias do concelho, mais do que	Mina de S. Domingos tem uma formação cultural já muito enraizada e, por isso, está habituada a várias formas de manifestação cultura (como conhecimento cinéfilo e, por essa razão a adesão ao cinema na Mina de S. Domingos é muito maior do que em Mértola. Assim como teatro, música (jazz, tradicional...) principalmente também por causa da influência Inglesa durante a exploração mineira. Já em Mértola a adesão é um

				mais diversificada	propriamente Mértola	pouco diferente, talvez porque a população é mais seletiva talvez por terem a possibilidade de ver coisas fora do concelho e experienciar coisas diferentes noutros contextos. É um público mais diversificado. Ainda é preciso fazer um trabalho de gestão cultura e de públicos que tem de ser feito a longo prazo. Há uma certa resistência em relação a certos tipos de atividades que, talvez, noutro sítio de Portugal teria mais adesão.
--	--	--	--	--------------------	----------------------	---

Grelha 2 – As práticas culturais do concelho e a relação dos jovens com as mesmas

ENTREVISTADOS	Descrição da relação dos jovens do concelho com a cultura. Pontos que justifiquem a resposta	Num balanço anual existe alguma altura do ano específica em que se concentre a adesão dos jovens às atividades? Pontos que justifiquem a resposta	Distribuição da cultura pelo concelho
Rosinda	É um pouco distante. Porque têm acesso a mais coisas e a sua mobilidade está muito facilitada de forma que tem acesso a coisas que acontecem fora de Mértola também, por via da Internet e redes sociais de forma a estarem muito expostos a estímulos diferentes. Há uma participação maior em período de férias. A Rosinda considera que este jovem é um jovem que facilmente aderiria a uma iniciativa fora do concelho, mas não aderiria a essa mesma atividade se ela decorresse no concelho. É um jovem próximo da cultura, mas afastado da comunidade em que estão inseridos. A	No verão. Uma grande adesão aos bailes e durante o ano existe uma adesão pontual, exemplo disso é o Festiva Islâmico e as Festas da Vila.	Por alto, a distribuição cultural é feita com um foco principal em Mértola, de seguida na Mina de S. Domingos e depois o resto do concelho e isto acontece maioritariamente por causa da densidade populacional

	responsabilidade não é só do jovem, mas também de quem programa as atividades. O acesso à cultura está democratizado à cultura com que eles se identificam. A rapidez da internet condiciona a atenção dos jovens àquilo que acontece verdadeiramente à sua volta. Tem de haver uma entrega e um tempo de disposição para aquilo que está a acontecer e há pouca entrega e predisposição para isso.	
--	--	--